

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO NÍVEL DE MESTRADO

A INTERFERÊNCIA DAS DOENÇAS LABORAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA SOB
A ÓTICA DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

JAQUELINE MARAFON PINHEIRO

Frederico Westphalen, agosto de 2014.

JAQUELINE MARAFON PINHEIRO

**A INTERFERÊNCIA DAS DOENÇAS LABORAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA SOB
A ÓTICA DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Área de Concentração Educação, Nível de Mestrado, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Câmpus de Frederico Westphalen – URI – FW, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Neusa Maria John Scheid

Frederico Westphalen, agosto de 2014.

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO NÍVEL DE MESTRADO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a dissertação de Conclusão de Curso

**A INTERFERÊNCIA DAS DOENÇAS LABORAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA SOB
A ÓTICA DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

elaborada por
Jaqueline Marafon Pinheiro

Como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestra em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Neusa Maria John Scheid – URI
(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Arnaldo Nogaró – URI

Prof.^a Dr.^a Dóris Maria Luzzardi Fiss – UFRGS

Frederico Westphalen, 15 de agosto de 2014.

Dedico à minha mãe, exemplo de pessoa e profissional. Maior motivo e incentivo para a realização desta pesquisa. Professora que despertou em mim o desejo pela docência, o desejo de pesquisar a doença nos professores e o desejo de encontrar estratégias de prevenção para esta.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a Deus, ser superior, que nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado, fazendo com que eu mantivesse a calma, o foco e não me desesperasse.

Agradeço imensamente a meus pais, Clóvis e Marisa, que me deram o dom da vida, que me educaram e permitiram que eu trilhasse o meu caminho. Principalmente à minha mãe, que é o maior motivo e incentivo para realização deste trabalho.

A meus irmãos, Tairine e João Otto, que participaram, um mais, outro menos, da trajetória da minha vida acadêmica.

Agradeço imensamente a meu marido, César, meu companheiro, meu porto seguro, minha fortaleza. Que esteve sempre junto de mim, me apoiando, incentivando, sofrendo e comemorando comigo.

Faço um agradecimento muito especial à professora Neusa, que foi muito mais do que orientadora. Agradeço todo o carinho e dedicação a mim dispensados. Com certeza, sem as suas orientações e seus ensinamentos, eu não teria chegado até aqui. Registro todo o meu carinho e admiração pela profissional e pessoa que é. Representa muito para mim e a guardarei para sempre em meu coração.

Além da minha orientadora, agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, por todos os ensinamentos. Cada um é parte importante deste trabalho. Em especial, à professora Luci, que teve enorme participação nesta construção.

Agradeço aos professores Arnaldo e Dóris, por aceitarem participar da minha Banca de Qualificação, cujas sugestões contribuíram muito para a construção do meu trabalho e por hoje estarem participando deste momento tão importante, que é a defesa da minha Dissertação.

Agradeço à minha segunda família, àquelas que convivem diariamente comigo, que me “orientaram”, apoiaram e incentivaram no decorrer de toda essa etapa do Mestrado: minhas colegas de trabalho, professoras do curso de graduação em Enfermagem da URI. Em especial à Carla que, além de colega, é amiga, conselheira e alguém que guardarei eternamente em meu coração.

Agradeço às colegas do Mestrado em Educação, àquelas com quem tanto conversei, tirei dúvidas e cuja presença – ou troca de e-mails e telefonemas –, transformava as angústias

em alegrias. Neste momento, não posso deixar de agradecer à Marcia que, mesmo não sendo da mesma turma, sempre esteve disposta a me auxiliar, desde quando surgiu a ideia de me inscrever para o Mestrado, até este momento, final da minha Dissertação.

Agradeço aos “Amigos de Fé”, que estiveram me apoiando e ouvindo durante toda a caminhada. À Elisabete e Larissa, grandes amigas e incentivadoras.

Agradeço aos professores e gestores, sujeitos desta pesquisa, pela disponibilidade e atenção.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Câmpus de Frederico Westphalen, meu local de trabalho, por investir e acreditar em mim.

A todas essas pessoas, muito obrigada!

*Existirá, em todo porto tremulará
A velha bandeira da vida
Desafiando de vez a noção
Na qual se crê que o inferno é aqui
Existirá
E toda raça então experimentará
Para todo mal a cura*

Lulu Santos

IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino/Unidade

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Câmpus de Frederico Westphalen

Direção do Câmpus

Diretor Geral: César Luís Pinheiro
Diretora Acadêmica: Silvia Regina Canan
Diretor Administrativo: Nestor Henrique De Cesaro

Departamento/Curso

Departamento de Ciências Humana – Chefe: Professora Edite Maria Sudbrack
Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – Coordenadora: Professora Doutora
Edite Maria Sudbrack

Disciplina

Dissertação

Linha de Pesquisa

Formação de Professores e Práticas Educativas

RESUMO

O cenário educativo expõe um quadro impresumível no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores e às condições de trabalho. Da mesma forma que as práticas pedagógicas podem ter contribuição na criação de um ambiente saudável que tenha em vista o bem estar do aluno, dos professores e de toda comunidade escolar. Por meio delas é possível minimizar os efeitos maléficos que a situação atual da educação nacional gera em torno dos profissionais da educação. Os professores estão, constantemente, preocupados com o aprendizado dos alunos, com a elaboração das aulas, com a correção dos trabalhos e provas, o que pode provocar certo abandono no que diz respeito à sua qualidade de vida, podendo prejudicar sua saúde. Assim, como forma de entender o universo dos professores, bem como as doenças que os acometem, apresenta-se a investigação que resultou na Dissertação “A interferência das doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio”. O objetivo geral foi investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, de campo e bibliográfica. Fizeram parte da pesquisa de campo os professores de Ensino Médio das escolas públicas estaduais do Município de Frederico Westphalen que, no momento em que foram inquiridos, estavam trabalhando há menos de cinco ou mais de quinze anos com o Ensino Médio, bem como, os gestores destas escolas, que se dispuserem voluntariamente a participar. Os instrumentos de coleta de dados foram questionário e entrevista semi-estruturada. Como resultados dessa pesquisa, percebeu-se que as doenças que mais acometem os professores do Ensino Médio são as emocionais e relacionadas à voz e que eles atribuem o surgimento destas ao estresse que vivem em sala de aula. Por fim, são sugeridas algumas estratégias de prevenção dessas doenças, além da promoção de saúde dos docentes; para tanto, as possíveis estratégias foram divididas em individuais, coletivas e relacionadas às Políticas Públicas.

Palavras-chave: Saúde dos professores do Ensino Médio. Docência e Saúde. Consequências da doença na prática educativa. Promoção da saúde do professor.

ABSTRACT

The educational scenario exposes an unthinkable framework with regards to these issues related to the health of teachers and to work's conditions. The same way that the pedagogical practices may have contribution in the creation of a healthy environment that aims the students, teachers and the entire school community welfare. Through them it is possible to minimize the harmful effects that the current situation of national education generates around the education professionals. The teachers are, constantly, concerned with the student's learning, with the elaboration of classes, with the correction of papers and exams, which can cause certain abandonment in respect to their life's quality which may harm their health. Therefore, as a way to understand the universe of the teachers, as well as the diseases that affect them, it is presented the research that resulted in the Dissertation "The interference of the industrial diseases in the educational practice under the perspective of the High School teachers." The general objective was to investigate the labor diseases most often found among the High School teachers and the reasons that these professionals attribute to their illness. This is a qualitative, descriptive, field and bibliographical research. The High School teachers from public schools were part of the field research in the City of Frederico Westphalen that, at the time they were inquired, they were working under five or more than fifteen years with the High School, as well as these schools managers, who were willing to participate voluntarily. The data collection instruments were semi-structured interview questionnaire. As a result of this research, it was realized that the diseases which most affect the high school teachers are the emotional and related to voice and that they attribute their appearance of these to the stress that teachers live in the classroom. Finally, some strategies are suggested for the prevention of these diseases, besides health promotion of the teachers; for that, we divided the possible strategies in individual, collective and related to Public Politics.

Keywords: Health of the High School teachers. Teaching and Health. Consequences of the Disease in the educational practice. Promotion of the teacher's health.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PROPORÇÕES ENTRE DISSERTAÇÕES E TESES (2002-2012)	19
FIGURA 2 – NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE ACORDO COM O ANO DE DEFESA ..	20
FIGURA 3 – CATEGORIAS DAS DISSERTAÇÕES E TESES (2002-2012)	22
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FREDERICO WESTPHALEN.....	35
FIGURA 5 – NÍVEL DE ENSINO QUE OS PROFESSORES ATUAM	38
FIGURA 6 – TEMPO QUE OS PROFESSORES ATUAM NO ENSINO MÉDIO	39
FIGURA 7 – GÊNERO DOS PROFESSORES	39
FIGURA 8 – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES	40
FIGURA 9 – HORAS SEMANAIS QUE OS PROFESSORES ATUAM NO ENSINO MÉDIO	41
FIGURA 10 – RELACIONAMENTO DOS PROFESSORES COM OS COLEGAS	41
FIGURA 11 – RELACIONAMENTO DOS PROFESSORES COM OS ALUNOS	42
FIGURA 12 – PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES NO QUE DIZ RESPEITO SE O TRABALHO QUE DESNVOLVEM PODE CAUSAR DOENÇA	42
FIGURA 13 – DOENÇAS POSSÍVEIS DE ACONTECER DEVIDO À PROFISSÃO, SEGUNDO PROFESSORES	43
FIGURA 14 – O PROFESSOR COMO CENTRO DE TUDO	47
FIGURA 15 – A SÍNDROME DE BURNOUT NOS PROFESSORES.....	48
FIGURA 16 – O ADOECIMENTO DOS PROFESSORES	48
FIGURA 17 – O ADOECIMENTO DA EDUCAÇÃO	49
FIGURA 18 – PROFESSORA ESTRESSADA.....	50
FIGURA 19 – O PROFESSOR DOENTE.....	51
FIGURA 20 – CUIDADO COM A VOZ.....	53
FIGURA 21 – A VOZ INSTRUMENTO DE TRABALHO DO PROFESSOR	54

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DISSERTAÇÕES E TESES POR DESCRITORES (2002-2012).....	18
TABELA 2 – DISSERTAÇÕES E TESES POR DESCRITORES UTILIZANDO A OPÇÃO “EXPRESSÃO EXATA” (2002-2012).....	19
TABELA 3 – PRODUÇÕES PORESTADO BRASILEIRO	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA NA ATIVIDADE DOCENTE: CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E A SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA EDUCATIVA	17
2.1 O professor na organização escola	24
2.2 A saúde e a prática pedagógica	27
3 INVESTIGANDO A RELAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS DAS DOENÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	32
3.1 Caminhos Metodológicos	32
3.1.1 Opção e concepção de pesquisa.....	32
3.1.2 O desenho metodológico da pesquisa.....	33
3.1.3 A escolha dos sujeitos e espaços da pesquisa.....	34
3.1.4 A escolha dos instrumentos de coleta e análise de dados.....	36
3.2 Relação e consequências das doenças da Prática Pedagógica	37
3.2.1 Perfil dos participantes	37
4 SAÚDE E DOENÇA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO DOCENTE E A ESCOLA	44
4.1 As Doenças Emocionais na docência	46
4.2 O estresse na docência	49
4.3 Doenças relacionadas à voz dos docentes	52
4.4 Possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes	55
4.4.1 Estratégias individuais.....	55
4.4.2 Estratégias coletivas	56
4.4.3 Estratégias relacionadas às Políticas Públicas	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	66
ANEXOS	78

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de mudanças. Porém, a mais significativa que se pode registrar é a do modo como vemos a realidade e de como dela participamos, estabelecendo sua construção. Esta mudança é marcada por uma forte tendência à adoção de concepções e práticas interativas, participativas e democráticas. A escola encontra-se, cada vez mais, no centro de atenções da sociedade, isso porque se reconhece que a educação, na sociedade globalizada, constitui-se num grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade, assim como condição importante para a qualidade de vida das pessoas. São demandadas mudanças urgentes na escola, a fim de que seja garantida a formação competente de seus alunos, de modo que sejam capazes de enfrentar criativa e criticamente, os problemas cada vez mais complexos da sociedade.

Para abordar a escola como um espaço de saúde, partimos da ideia de que ser saudável, entre outros aspectos, é ter a possibilidade de avaliar a realidade reconhecendo e dando visibilidade às suas potencialidades a partir do que já se possui para construir um cenário melhor. Ser saudável não significa estar acima dos problemas cotidianos, mas conseguir problematizar uma situação percebendo como o entorno atua sobre ela. Nada está solto, descontextualizado, por isso, o espaço escolar, entendido como saudável, é considerado dentro de um contexto maior: a comunidade onde está inserido e a sociedade que o estrutura.

As práticas pedagógicas podem ter contribuição na criação de um ambiente saudável que tenha em vista o bem estar do aluno, dos professores e de toda comunidade escolar. Por meio delas é possível minimizar os efeitos maléficos que a situação atual da educação nacional gera em torno dos profissionais da educação, como a pressão diária, prazos limitados, dificuldade de aprendizagem, falta de recursos pedagógicos, baixa valorização, etc.

Dessa forma, o cenário educativo expõe um quadro impresumível no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores e às condições de trabalho. Hoje, tantos discutem a educação, a metodologia utilizada, fala-se sobre os sujeitos da educação e da criação ou construção de um projeto-político-pedagógico orgânico da escola, que a torna mais autônoma, porém, pouco ou quase nada se fala do trabalhador que viabiliza o sucesso ou o fracasso de todas as políticas e metodologias propostas.

A vida estressante, a agitação, os prazos, as metas, a complexidade que envolve o cotidiano dos professores acaba, por algumas vezes, não permitindo que estes profissionais consigam dispor de um tempo para cuidar de suas atividades pessoais e de sua saúde. Esses indivíduos constantemente estão preocupados com o aprendizado dos alunos, com a elaboração das aulas, com a correção dos trabalhos e provas, o que pode provocar certo abandono no que diz respeito à a qualidade de vida, podendo prejudicar sua saúde.

Nesse sentido, entendendo a importância de estudar a temática da saúde relacionada ao exercício da docência, a justificativa para a realização de tal estudo está no fato de que minha vida sempre foi muito ligada à Educação, pois desde criança convivi com professores. Muitos amigos e familiares se doam à Educação há muito tempo e na minha residência se vive a Docência. Para minha mãe sempre foi um orgulho muito grande dizer que é professora, e isso me instigou a optar pela mesma profissão.

Há quatro anos venho trabalhando com a prática docente na supervisão de aulas teórico-práticas no curso de graduação em Enfermagem e, no último semestre, comecei a ministrar aulas teóricas em sala. Ter me aproximado da Docência me fez perceber que ela é extremamente gratificante e realizadora, no entanto, com o passar do tempo, fui percebendo que essa profissão traz consigo vários obstáculos e decepções. Decepção no sentido de que o professor não é mais visto com todo o respeito que anteriormente era e, como consequência disso, vejo amigos e familiares outrora tão felizes e realizados, necessitando buscar tratamento para as mais diversas doenças, fazendo psicoterapia e uso de medicação.

Sob essa ótica, é possível evidenciar o quanto o trabalho no ensino exige preparo, dedicação e eficiência, o que demanda muita energia por parte dos profissionais e, consequentemente, contribuindo para o surgimento de diferentes doenças.

Dessa forma, por ter familiares nesta circunstância e por viver rodeada de professores “adoentados” em função das atividades laborais, passei a me sensibilizar pelas situações vivenciadas. Por isso, o intuito de pesquisar profundamente este tema.

Neste sentido, ao elaborar o estado da arte, foram encontrados muitos trabalhos relatando as doenças dos profissionais – ou até mesmo especificamente dos professores –, da área da Saúde. Porém, não foi encontrado estudo aprofundado do tema, envolvendo professores de escolas públicas de Educação Básica. Ainda, ao ter optado pela realização do Mestrado em Educação, percebo que este pode corroborar na investigação dessas doenças no meio docente. Juntamente com isto, há o objetivo de aproximar as duas áreas – Enfermagem e Educação no sentido de estudar as doenças e as interferências destas na prática educativa dos professores.

Além disso, ao ter contato com diferentes meios de comunicação (rádio, televisão, internet, revistas...), entendo, com mais clareza, o quanto o professor tem sido acometido por diferentes transtornos/doenças repercutindo, assim, diretamente na qualidade do seu trabalho. Portanto, para compreender melhor o que acontece com os docentes, é necessário adentrar no contexto deste universo, buscando identificar como ocorre tal processo, quais as doenças/transtornos que mais afetam os professores, bem como, compreender suas relações com a docência, ou seja, os aspectos vinculados à saúde do professor.

Nessa mesma linha de pensamento, a partir das vivências e caminhos traçados ao longo da trajetória acadêmica, traçamos a questão central de pesquisa: Quais as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento? Para respondê-la, foram abordadas as considerações de diversos autores.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento. E os específicos, incidem em conceituar saúde e doença na atividade docente; identificar em que consiste e quais são as doenças laborais na atividade docente; identificar quais as consequências das doenças laborais na prática docente; investigar quais as razões, atribuídas pelos docentes investigados, que os levam a adoecer; e propor possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes.

Para darmos conta desse propósito, além de dialogarmos com diversos autores, utilizamos uma abordagem descritiva e estruturada de cunho qualitativo, coletando e analisando questionários e entrevistas tentando, desta forma, entender como se dão os processos de saúde e de adoecimento, dentro das escolas. Deste modo, estruturamos o trabalho final em três capítulos, nos quais, estabeleceremos a confluência dos dados teóricos e práticos:

No **primeiro capítulo** se fez um Estado da Arte acerca das teses e dissertações publicadas no período entre os anos de 2002 e 2012, com o objetivo de situar o leitor a respeito da temática abordada. Este apresenta um diálogo com diversos autores tratando sobre a temática, definindo alguns conceitos importantes e respondendo a dois objetivos do estudo apresentado. O **segundo capítulo** detalha a composição metodológica, apresentando a pesquisa como qualitativa, descritiva, de abordagem fenomenológica, sendo de campo e bibliográfica e respeitando as questões éticas. Ainda, começamos a apresentar os dados coletados demonstrando, através de gráficos, o perfil dos participantes. O **terceiro capítulo** apresenta as respostas dos sujeitos e é o espaço em que dialogamos com autores que abordam

a mesma temática, bem como realizam estudos semelhantes em outras regiões e buscamos, ainda, apresentar algumas propostas de possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes. Por fim, nas considerações finais, apresentamos as conclusões às quais esse estudo proporcionou.

2 O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA NA ATIVIDADE DOCENTE: CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E A SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA EDUCATIVA

Sabemos da correria que é o cotidiano do professor, pois seu trabalho não se restringe em ministrar as disciplinas dentro da sala de aula. Há muito mais tempo despendido para que essa aula seja boa e tenha efeito: preparar o encontro, organizar e corrigir provas, realizar a correção de trabalhos, buscar aperfeiçoamento, entre outras atividades. Tudo isso com vistas a ser um bom professor, cativar e prender a atenção dos alunos e formar cidadãos críticos e competentes. Pois esse é o maior objetivo de ser professor: formar cidadãos, humanos.

Vedovato e Monteiro (2008) afirmam que determinados estudos brasileiros evidenciam uma relação importante entre a saúde dos professores e suas condições de vida e de trabalho. Em uma pesquisa realizada com professores da rede particular de ensino na Bahia, as principais queixas relatadas pelos professores foram o acelerado ritmo de trabalho, a presença de poeira (pó de giz), o estressante ambiente de trabalho e esforço físico. Essas condições de trabalho ocasionam danos à saúde dos professores levando-os a sentirem estresse, faringite, lombalgia, doenças do aparelho locomotor e circulatório e neuroses.

Os mesmos autores ressaltam a ideia de que o estresse pode levar à Síndrome de Burnout, que é entendida como um esgotamento físico e mental total. O uso constante da voz para desenvolver seu trabalho, movimentos repetitivos, o fato de lidar com a indisciplina dos alunos em sala de aula e a presença de ruídos podem ser percebidos como graves fatores estressantes na atividade laboral do professor.

Neste sentido, nos propusemos a relatar o mapeamento realizado para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas, que tem como tema a **Saúde/Doença dos docentes e suas consequências na prática educativa dos mesmos**. O objetivo consiste em identificar as dissertações e teses sobre o tema anteriormente citado a fim de compor um Estado da Arte a partir de 2002 até 2012. O período adotado deve-se ao fato de pesquisar o que foi produzido nos últimos 10 anos nos principais bancos de dados do país.

O levantamento de dados foi efetuado nos sites da CAPES e IBICIT, os quais possibilitaram um mapeamento em torno da região do país com maior número de estudo, os

estados que mais fazem pesquisa, a quantidade de trabalhos por ano e os focos de interesse das investigações. Em resumo, buscamos, através do levantamento, compreender e identificar como a questão das práticas educativas e adoecimento dos professores vem sendo analisada pelos órgãos colegiados.

O primeiro passo foi escolher as bases de dados para consulta. Selecionamos dois *sites* que possuem um grande número de publicações de todo país: <http://bdtd.ibicit.br> e <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>. A CAPES é um repositório que possui dissertações e teses defendidas desde 1987 e seu objetivo é facilitar o acesso a essas publicações de pós-graduação do país. As informações são fornecidas diretamente à CAPES pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. A ferramenta permite a pesquisa por autor, título e palavras-chave. O uso das informações da referida base de dados e de seus registros está sujeito às leis de direito autorais vigentes. O IBICIT coordena o projeto da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Salientamos, no entanto, que utilizamos a base de dados IBICT somente para pesquisar publicações referentes ao ano de 2012, já que a CAPES não disponibiliza publicações deste período.

A segunda tarefa foi a definição dos descritores dentro da temática proposta. Tendo como tais os seguintes: “saúde dos docentes”, “doença na docência” e “consequência da prática educativa”.

A Tabela 1 revela as dissertações e teses encontradas através de cada descritor utilizado na busca. Em todas as buscas foram utilizados como filtro o país da publicação (Brasil), o idioma (português), a opção “todas as palavras” e o intervalo de tempo (2002-2012).

TABELA 1 – DISSERTAÇÕES E TESES POR DESCRITOR (2002-2012)

Descritor	Dissertação	Tese	Total
Saúde dos docentes	883	322	1205
Doença na docência	27	12	39
Consequência da prática educativa	190	62	252
Total	1100	396	1496

Fonte: Elaborada pela autora (2013)

Percebemos, ao observar a Tabela 1, que houve uma grande quantidade de publicações encontradas com os descritores utilizados. Dessa forma, optamos por realizar uma segunda

busca, utilizando para isso, a ferramenta que o *site* da CAPES disponibiliza, “expressão exata”. Ainda assim, as informações superaram as expectativas, mas realizar a leitura dos resumos foi possível perceber que os assuntos de que tratam não têm relação com o tema que pretendemos pesquisar. A maioria trata de assuntos diversos, são poucas as produções que tratam especificamente da saúde/doença dos professores e sua consequência na prática educativa. Sendo assim, utilizaremos neste trabalho os dados encontrados a partir da opção “expressão exata”, pois esta possibilitou maior aproximação dos achados com o tema proposto. Explicitamos isso na Tabela 2.

TABELA 2 - DISSERTAÇÕES E TESES POR DESCRITOR UTILIZANDO A OPÇÃO “EXPRESSÃO EXATA” (2002-2012)

Descritor	Dissertação	Tese	Total
Saúde dos docentes	33	16	49
Doença na docência	0	1	1
Consequência da prática educativa	3	1	4
Total	36	18	54

Fonte: Elaborada pela autora (2013)

A Figura 1 indica claramente a predominância das dissertações com o dobro de publicações (36 produções) relacionando ao número de teses publicadas (18 produções). A diferença pode ser atribuída à grande oferta e incentivo, nos últimos anos, aos cursos de mestrado a nível nacional. Outro fator é que as universidades que oferecem cursos de pós-graduação são avaliadas pelo número de produções, devendo assim produzir um grande número de pesquisas para atender ao anseio da comunidade científica e da sociedade, pois a qualidade dos serviços prestados pela universidade muitas vezes é vista pela quantidade de pesquisas realizadas.

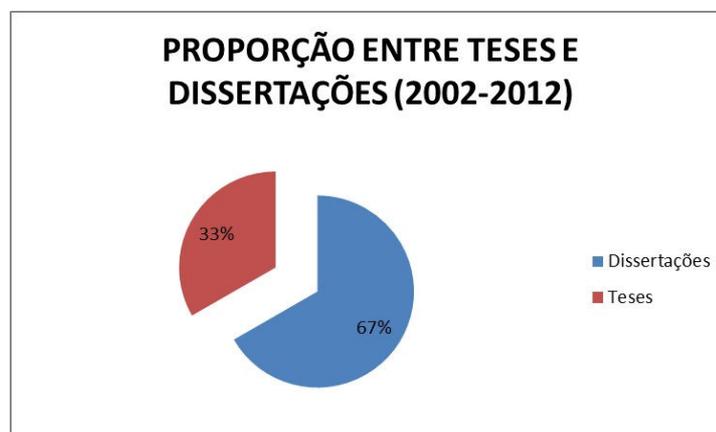


FIGURA 1 – PROPORÇÃO ENTRE DISSERTAÇÕES E TESES (2002-2012)

Fonte: Elaborado pela autora (2013)

A Figura 2 apresenta o número de pesquisas elaboradas durante os anos de 2002 a 2012. O estudo apresenta uma produção regular e crescente, com exceção dos anos de 2003, 2005 e 2009. Justifica-se o grande aumento de publicações encontradas em 2012 considerando que para pesquisar os trabalhos publicados no referido ano, utilizamos o site de buscas IBICT, o qual não disponibiliza da ferramenta “expressão exata”. Sendo assim, as publicações encontradas foram através da utilização de “todas as palavras”.

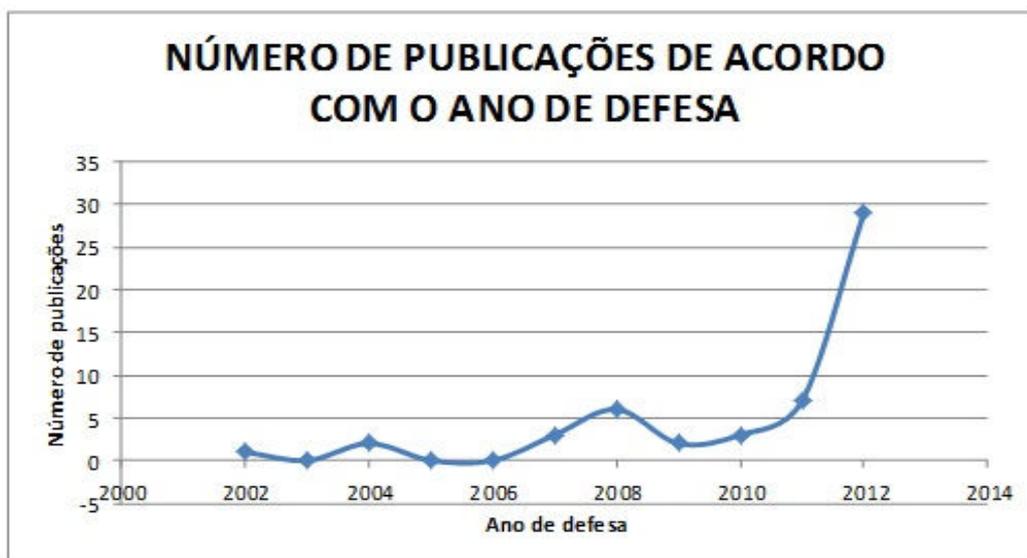


FIGURA 2 - NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DE ACORDO COM O ANO DE DEFESA

Fonte: Elaborado pela autora (2013)

Analisando as produções por Estado Brasileiro, dados da Tabela 3, verificamos que São Paulo é o que detém a maior quantidade de trabalhos; em seguida, aparece o Estado do Rio Grande do Sul e em terceiro a Paraíba. A Região Norte não aparece com nenhuma publicação no período de estudo com os descritores utilizados.

TABELA 3 – PRODUÇÕES POR ESTADO BRASILEIRO

ESTADO	DISSERTAÇÃO	TESE	TOTAL
RS	5	4	9
SC	4	2	6
PR	2	0	2
MG	1	1	2
ES	0	0	0
SP	12	10	22
RJ	2	0	2
MT	0	0	0
MS	0	0	0
GO	1	0	1
DF	1	0	1
MA	1	0	1
PI	0	0	0
CE	1	0	1
RN	0	0	0
PB	5	1	6
PE	1	0	1
AL	0	0	0
SE	0	0	0
BA	0	0	0
RO	0	0	0
AC	0	0	0
AM	0	0	0
RR	0	0	0
PA	0	0	0
AP	0	0	0
TO	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora (2013)

As categorias empregadas na classificação das teses e dissertações, como aponta a Figura 3, indicam a predominância de trabalhos voltados à prática educativa e à saúde mental, tendo sido encontrado em cada uma das categorias sete trabalhos, tendo sequência com outros trabalhos com cinco referências e em seguida a saúde vocal dos docentes, apresentando quatro publicações. Com menor incidência aparece a categoria “políticas”, com apenas dois trabalhos publicados. Mesmo utilizando a ferramenta “expressão exata” encontramos publicações que não condizem com o tema pesquisado, os quais foram categorizados como “não se aplica”.

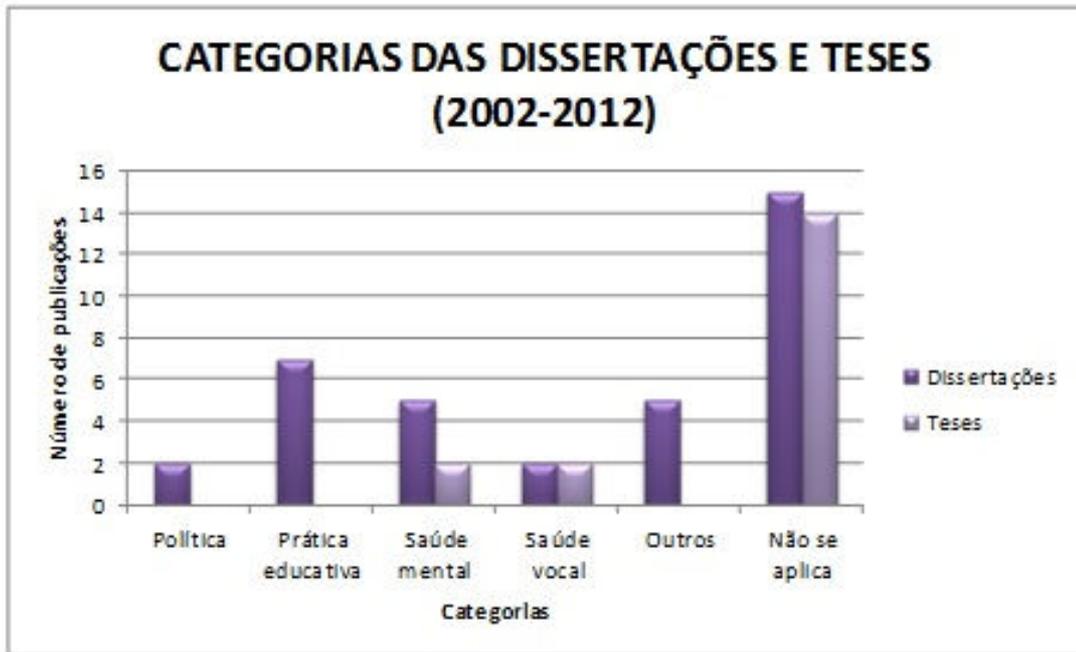


FIGURA 3 – CATEGORIAS DAS DISSERTAÇÕES E TESES (2002-2012)

Fonte: Elaborado pela autora (2013)

Na perspectiva de situar melhor o leitor em relação à realidade encontrada, cabe tecermos comentários a respeito do conteúdo dos trabalhos ordenados nas categorias, tal como aparecem na Figura 3. A atividade de classificação foi a etapa mais difícil, pois no caso das teses e dissertações, há um limite claro, já que se trata somente de resumos. Para a composição das categorias procuramos analisar o foco de interesse declarado no tema da pesquisa, mas também nas palavras-chave e nos resumos. Eventualmente, um mesmo objeto de análise poderia ser classificado simultaneamente em diferentes categorias pela abrangência do tema. Neste caso, a leitura dos resumos foi essencial, bem como a consideração de certas terminologias utilizadas que pudessem fornecer uma ideia geral da tendência dos estudos.

A seguir, descrevemos as categorias relativas às diversas fontes documentais fazendo inferências sobre os aspectos mais relevantes para a educação e a saúde dos docentes:

a) Categoria 1 – prática educativa

Essa categoria apresentou sete publicações (12,96%) e se caracteriza por demonstrar como a prática educativa do professor – seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Ensino Superior –, pode desencadear processos de adoecimento.

b) Categoria 2 – saúde mental

Essa categoria expôs o mesmo número de publicações que a anterior (sete, o que equivale a 12,96%) e é caracterizada por apresentar estudos referentes, literalmente, à saúde e

também à doença mental dos professores. Esses estudos dizem respeito às doenças mentais mais comuns que atingem os docentes, tais como depressão, síndrome de Burnout, estresse, entre outras.

c) Categoria 3 – saúde vocal

Nessa categoria encontramos quatro pesquisas, as quais são equivalentes a 7,41% do total. Ela trata exclusivamente da saúde vocal dos professores. O estudo se faz importante pelo fato de haver um grande número de problemas enfrentados pelos docentes devido ao uso contínuo e incessante da voz como seu principal instrumento de trabalho.

d) Categoria 4 – políticas

Na quarta categoria localizamos dois estudos, que equivalem a 3,7% do total das pesquisas. Essas políticas dizem respeito às políticas públicas voltadas aos docentes em processo de adoecimento e/ou políticas públicas de prevenção do adoecimento dos professores.

e) Categoria 5 – outros

Nesta categoria, as cinco pesquisas encontradas (9,26%) referem-se a estudos relativos às causas do adoecimento dos professores, assédio moral sofrido pelos mesmos, à formação que esses recebem, à sua qualidade de vida no trabalho e ao sistema de gestão referente à saúde e doenças no ambiente laboral a que os docentes estão expostos.

f) Categoria 6 – não se aplica

Na última categoria, os 29 trabalhos encontrados, equivalentes a 53,7%, o que abrange mais da metade do total de pesquisas, não se aplicam ao tema estudado. Eles dizem respeito ao trabalho do profissional enfermeiro, médico e fisioterapeuta, à implantação de novos cursos de medicina e fisioterapia e a cursos de administração na área da saúde, além de cursos de pós-graduação nas áreas supracitadas. Ou seja, assuntos que não condizem com a temática proposta.

Através da pesquisa e análise das dissertações e teses para a realização deste trabalho, foi possível percebermos que não existem muitas pesquisas relevantes quando se trata do processo saúde/doença dos professores. Não há, por exemplo, estudos expressivos no que diz respeito a políticas públicas ou gestão do trabalho dos docentes doentes ou à prevenção de doenças nos mesmos.

Os resultados encontrados não esgotam as possibilidades de análise a partir dos dados coletados. Pelo contrário, instigam a permanecer na pesquisa em busca de dados mais relevantes e consideráveis. A educação vem sendo vista de maneira fortemente diferente de outrora, o que acaba desencadeando nesse processo de adoecimento por parte dos principais atores envolvidos: os professores. E para melhorar a atual situação, sugerimos maior estudo no que tange esse processo já referenciado.

Esta pesquisa exigiu demasiado tempo e dedicação. Por isso, esperamos contribuir para fomentar o interesse, a pesquisa e o debate em torno de questões referentes à educação, saúde/doença dos professores, bem como estimular a criação de políticas públicas e o levantamento dessa questão no momento da formação dos novos docentes.

2.1 O professor na organização escolar

É sabido que o professor tem de receber, em sua formação, alicerce para que desponte como um profissional dono de uma bagagem sólida nos campos científico, cultural e pedagógico, que possa assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente, com a flexibilidade e o rigor necessários, em tempos globalizados, de mudança, em que os problemas se apresentam em escala planetária. Mas, será que essa formação realmente acontece?

Scheid e Meurer (2011) trazem a tona um obstáculo constante na prática do professor: as urgências. O profissional docente é consciente de várias atitudes e posturas que deve ter durante sua prática educativa, no entanto, as urgências que surgem cotidianamente o impossibilitam de realizar tais práticas.

Os termos utilizados pelos autores são “urgente” e “importante”. Os professores encontram dificuldade ao optar por realizar aquilo que é urgente, ou o que é importante. O importante *precisa* ser realizado. O urgente *precisa* ser realizado *agora*. Então, o profissional acaba fazendo o urgente e protelando o importante, que, por vezes, precisaria ser feito antes do urgente.

Desta maneira, a formação continuada surge, segundo os autores supracitados, classificada como importante o que já vimos, não é considerada urgente. Neste sentido, surge a interrogação: Atualmente, considerando a formação que os professores receberam – alguns há mais de 20 anos – não é *importante* e *urgente* investir em formação continuada?

Uma pesquisa realizada por Pachane (2012) com alunos de licenciatura de uma universidade de Minas Gerais, mostra o que os mesmos consideram importante num bom

professor. Para os pesquisados, o bom professor precisa ter boa didática, domínio aprofundado do conteúdo que trabalha, bom relacionamento pessoal com os alunos, habilidade de comunicação e se preocupar com a efetiva aprendizagem dos alunos.

Isso revela o que os alunos esperam de um bom professor. No entanto, nem sempre os alunos esperam o que o professor se propõe a ser. Ou ainda, nem sempre o que os alunos consideram como um bom professor é o que realmente seja um bom professor. Para exemplificar: “bom relacionamento pessoal com os alunos” é importante; mas esse relacionamento tem de ser, acima de tudo, profissional; o professor não pode se tornar um “amigo de infância” dos alunos, ele tem de ser o seu *professor*.

Outros itens apontados pelos licenciandos da pesquisa que chamam atenção são “domínio aprofundado do conteúdo” e “boa didática”. Subentendemos, nessas respostas, que o bom professor deve saber e transmitir. Entretanto, são inúmeros os autores que afirmam não ser essa a postura de um bom docente – afirmação com a qual, pessoalmente, concordamos. Assim, percebemos que há uma incoerência entre o que os alunos consideram um bom professor e o que a literatura considera.

Além de o professor estar sendo constantemente avaliado pelos alunos, sofre ainda com políticas e estruturas curriculares que chegam até eles de forma totalmente verticalizada. Neste sentido, Imbernón (2009, p.23), afirma que: “Ninguém deveria duvidar [...] de que qualquer reforma da estrutura e do currículo do Sistema Educativo deve contar com o apoio do professorado e com sua atitude positiva logo de cara para capacitar-se nas mudanças”.

Sob essa ótica, cabe destacar a ambiguidade que cerca essa situação. Os professores raramente são consultados para elaboração de currículos, formação continuada, entre outros, sendo que esses deveriam ser os verdadeiros construtores desse processo, pois são eles os atores que vivem, trabalham com as leis, políticas, estruturas e por isso, deveriam ser os autores desse processo.

Nessa perspectiva, surge como explicação – mas não como justificativa –, para essa situação, quem são as pessoas responsáveis pela elaboração dos currículos, diretrizes supracitados: os administradores. Os profissionais responsáveis pela educação brasileira são administradores. Qual o sentido disso? A resposta é óbvia: lucro. O Sistema Educacional está sendo considerado uma empresa; os alunos são clientes; a educação é um produto.

É oportuno observarmos também a desvalorização salarial que os professores brasileiros vêm sofrendo. É raro encontrar um professor que trabalhe somente vinte horas semanais em uma escola e consiga se manter com o salário que recebe. Em contrapartida, ao analisarmos

historicamente, até a década de 1990, um docente se mantinha, e à sua família, tranquilamente, com o dinheiro que recebia por trabalhar um turno somente.

Além da desvalorização salarial do professor, Imbernón (2009) ainda cita outros fatores importantes na desmotivação desses profissionais no desenvolvimento do seu trabalho, quais sejam: o professor é avaliado pela quantidade e não pela qualidade do que produz, a sobrecarga do professor com inúmeras atividades a serem desempenhadas, a obrigação de ser especialista naquilo que faz, a formação em contextos abrangentes, não considerando o contexto individual. Com tudo isso, o trabalho docente acaba sendo visto de forma totalmente desmotivadora. Não há estímulo, nem incentivo. E essa desmotivação tem uma consequência principal: o adoecimento dos professores.

Existem ainda, algumas situações em que os alunos vêem os professores como inimigos e cabe ao professor desfazer essa falsa ideia, evitando se colocar como detentor completo de conhecimento, assumindo que não sabe tudo, ou seja, reconhecendo que todos têm conhecimentos a compartilhar, até mesmo os analfabetos: a experiência de vida. (VEDOVATO & MONTEIRO, 2008).

Desse conjunto de fatores discutidos decorre, necessariamente, a conclusão de que é pertinente elaborar estudos sobre a qualidade do trabalho do professor, sendo que esta se encontra intimamente relacionada à qualidade de vida deste profissional. É importante destacarmos que a qualidade de vida aqui é entendida em todos os fatores da vivência do professor – pessoal e profissional.

Deduzimos, ainda, que se faz necessário investir em ações de formação continuada, bem como melhores condições de trabalho e valorização salarial. Um professor, para bem desenvolver sua atividade laboral, precisa ser valorizado e ter condições ambientais para realizá-la.

Diante disso, é importante lembrar a responsabilidade dos governantes e a necessidade de repensar Políticas Públicas que venham ao encontro das dificuldades dessa classe. Todavia, também se devem buscar soluções locais, como a organização interna da escola, de forma que possa suprir as necessidades de todos os envolvidos com o processo educativo. Assim, professores, direção e coordenação se unem de forma que as demandas de seu Recurso Humano sejam contempladas, sem negligenciar com o objetivo primeiro da escola que é a aprendizagem do aluno.

2.2 A saúde e a prática pedagógica

A saúde, percebida como um processo qualitativo que diz respeito ao funcionamento integral do organismo, não é mais entendida como sinônimo de ausência de doença. Promover a saúde é promover meios para que cada indivíduo possa traçar um caminho pessoal e original em direção ao bem-estar físico, psíquico e social, participando ativamente do controle sobre as condições de saúde da sociedade. Para isso, faz-se necessário o desenvolvimento de um conjunto de recursos objetivos e subjetivos, que permita ao sujeito estabelecer uma inter-relação positiva com a situação social em que vive e com as contradições e dificuldades enfrentadas no cotidiano. Segundo Dejours (1994) a saúde implica, portanto, a valorização da vitalidade física, mental e social para a atuação frente às permanentes transformações pessoais e sociais, frente aos desafios e conflitos.

O avanço da medicina social, ocorrido nas últimas décadas, possibilitou uma maior conscientização dos profissionais de saúde quanto à necessidade de manter serviços permanentes dedicados às ações primárias, com ênfase na prevenção e promoção da saúde, antes da ocorrência de um quadro patológico. Os trabalhadores e suas entidades representativas também têm inserido questões relativas às condições de saúde e trabalho em suas estratégias de lutas e intervenções, voltando-se, mais recentemente, para a busca de medidas que garantam a preservação de um ambiente ocupacional saudável.

Entretanto, a maioria dos estudos e investigações está direcionada a categorias de trabalhadores mais propensos a doenças, ou seja, onde a inter-relação entre trabalho e saúde é mais evidente, em atividade onde se tem contato com produtos químicos, objetos cortantes, exigência de esforço físico constante, etc. No Brasil, pouco ainda tem sido feito no sentido de avaliar as repercussões do trabalho sobre a saúde em categorias de trabalhadores onde esses riscos são menos visíveis, como por exemplo, em professores. O trabalho docente e a saúde dos docentes revela-se uma produção científica ainda elementar. (JÚNIOR & LIPP, 2008).

De acordo com Júnior e Lipp (2008), os problemas de saúde mais frequentes apontados pelos estudos realizados foram: perda de energia, impaciência, cefaleia, hiperalimentação, aumento da irritabilidade e dores na coluna. Os professores apresentaram como principais fatores de estresse: avaliações, tempo insuficiente para as tarefas estabelecidas, preocupações diárias (trabalho de casa, currículos, reuniões), responsabilidades extracurriculares, problemas com os pais que não se preocupam com a vida escolar dos filhos e falta de tempo para estar com a família. Estresse apareceu como um forte determinante de insatisfação e esta se mostrou fortemente associada aos problemas de saúde.

No Brasil, as referências de estudos abordando as condições de saúde e trabalho do professorado, são ainda insuficientes e, apenas na segunda metade da década de 1990, foram produzidas algumas investigações abordando as condições de saúde e trabalho da escola pública. As evidências encontradas nesses estudos são preocupantes e apontam a necessidade de medidas imediatas. A desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho desenvolvido foram fatores importantes para o quadro encontrado. (JÚNIOR & LIPP, 2008).

Atualmente a declaração “carga de trabalho” tem ganhado nova expressão. Sinaliza um novo conceito enfocando o processo e a organização do trabalho. (FACCHINI, 1994). Ela engloba os fatores nocivos capazes de provocar estresse ou tensão emocional (monotonia, repetitividade, pressões, responsabilidades) como também, os fatores de riscos físicos, químicos, biológicos, fisiológicos. Na evolução da terminologia aplicada, torna-se possível compreender e traduzir os efeitos psicogênicos que os riscos ocupacionais (de qualquer natureza) provocam no dia-a-dia dos trabalhadores. O trabalhador está exposto, cotidianamente, às cargas de trabalho. Assim, para cada ramo produtivo e para cada processo de trabalho é possível identificar um perfil de cargas de trabalho que conformam um padrão de desgaste operário. (BUSCHINELLI et al., 1994; FACCHINI, 1994).

Diante das pressões existentes na organização do trabalho, os professores, de forma diversificada, apresentam um conjunto de sentimentos que envolvem a angústia, desgosto, raiva, desesperança, desmotivação, cansaço e estresse. A presença desses sentimentos dá lugar à vivência do sofrimento psíquico na atividade docente, ameaçando desta forma a saúde dos trabalhadores. Dejours (1994) chama atenção para o fato de que os sintomas como angústia e emoção são de ordem psíquica, mas podem se revelar a partir das manifestações somáticas como: hipertensão arterial, acidente vascular cerebral (AVC), tremores, sudorese. Assim como o medo, a fadiga, o desgaste no trabalho, mas também a frustração e a agressividade podem aumentar as cargas vasculares, musculares e digestivas. Observamos, portanto, que há um movimento circular entre os setores psíquicos e somáticos, o corpo responde conforme os estímulos são processados na mente e só quando o corpo falece é que o sofrimento torna-se visível para os sujeitos no ambiente de trabalho.

Sendo assim, o trabalho tem um papel central na vida das pessoas, podendo contribuir tanto para a melhoria da qualidade de vida quanto para o desenvolvimento de doenças. Muitas categorias profissionais têm sido alvo de estudos para diversos pesquisadores, entre elas, encontram-se os professores, que desde a década de 1990 vêm, de forma mais acentuada, apresentando sinais de adoecimento. Como já citamos, o avanço da medicina social

possibilitou uma maior conscientização dos profissionais de saúde quanto à necessidade de manter serviços permanentes dedicados às ações primárias, com ênfase na prevenção de doenças e promoção da saúde, antes da ocorrência de um quadro patológico.

A urgência em ampliar os recursos para diminuir a vulnerabilidade das pessoas e da sociedade aos processos causadores da enfermidade é incontestável. A cada dia surgem novos desafios, e o resgate dos antigos conhecimentos mostra-se insuficiente. Além da diversidade humana, da crise de valores, da alteração do quadro de problemas de saúde, é necessário considerar que os hábitos e os estilos de vida mudaram ao longo dos anos. (JÚNIOR & LIPP, 2008).

Desde a Idade Média, a função de professor vem se transformando, se adaptando, de acordo com as necessidades da sociedade, do que cada povo queria ensinar de sua cultura, ritos, crenças, etc. Com as transformações ocorridas ao longo da história do capitalismo a escola vem se transformando, nas últimas décadas no que significa imposição da política mercantil aos governos nacionais e à educação, ou seja, a qualidade de ensino passou a ser avaliada pelos seus altos índices de produtividade. Isto exigiu o enxugamento dos profissionais e o corte nos gastos, o que significou o aumento do número de alunos por sala de aula e conseqüentemente aumento do trabalho e de responsabilidade para o professor, levando a uma crescente deterioração da qualidade de trabalho e da qualidade de vida dos mesmos. Os professores passaram a ter função de proporcionar um ensino de qualidade dentro de um sistema que os obriga a trabalhar mais, porém, com péssimos salários e em um ambiente muitas vezes precário e com recursos didáticos limitados. (PINHEIRO, 2013).

Além do problema de falta de atenção e o desrespeito dos alunos, os professores ainda enfrentam problemas maiores: as reformas educacionais trouxeram novas exigências profissionais para os educadores, sem que para isso fossem apresentadas as condições necessárias para a realização das mesmas. Aumentaram a responsabilidade do professor em relação ao desempenho do aluno e da escola, além de exigir destes profissionais a busca constante, e por conta própria, de formas de requalificação. Todas essas mudanças repercutiram na intensificação do trabalho do professor, que tem que responder a um maior número de exigências em menos tempo, situação esta, que os docentes não conseguem encontrar meios para amenizar. (PINHEIRO, 2013).

Da mesma forma que, ao longo do tempo, a visão do processo de ensino-aprendizagem transformou-se, modificaram-se também as concepções de saúde e de promoção da saúde. Valorizamos cada vez mais os laços entre saúde e qualidade de vida individual e coletiva. Ao educar para a saúde, nosso objetivo não é mais a ênfase no conhecimento teórico do corpo

humano, pois essa opção não se mostrou suficiente para fomentar a adoção de comportamentos e atitudes saudáveis.

Os estudos alertam para a importância da afetividade. Cognição e emoção caminham juntas. O professor precisa criar e recriar laços afetivos, reforçando o interpessoal em prol da construção do conhecimento. A Neuropsicologia alerta e afirma que sentimentos de ameaça bloqueiam o cérebro nos processos cognitivos. Por conta disso, um clima de “alerta relaxado”, é fundamental no desenrolar das aulas, das atividades propostas e dos processos avaliativos. (DRYDEN, 1996).

Não restam dúvidas de que a afetividade auxilia no processo de aprendizagem, não há dúvida também que todo professor sonha com uma turma disciplinada, obediente e curiosa. No entanto, para que isso aconteça, os alunos precisam de incentivo com atividades lúdicas e que agucem sua curiosidade e os professores precisam de apoio e principalmente mais autonomia para desenvolver essas atividades.

É pertinente defender que o sistema escolar transfere ao profissional a responsabilidade de cobrir as lacunas existentes na instituição, a qual estabelece mecanismos rígidos e excessivos de avaliação. Se esse sistema avaliativo não recuar ou, então, não forem criadas condições para que sejam preenchidos, ainda se ouvirá falar muito em problemas de saúde dos docentes, pois a realidade em que eles se encontram é desoladora. É preciso prevenir para que as estatísticas não se tornem alarmantes.

Os processos de desgaste físico e mental dos professores representam consequências negativas não somente para os professores, mas também para o aluno e para o sistema de ensino. Os custos sociais e econômicos podem ter múltiplos desfechos: absentismo, acidentes e enfermidades diversas, físicas, comportamentais e psíquicas. (LANDINI, 2006, p.5).

A pesquisa realizada por Souza e Leite (2011), indicou que problemas de voz e transtornos psicológicos, como estresse e síndrome de Burnout, caracterizada pela exaustão física e emocional, são as doenças mais comuns entre os docentes. O estudo, coordenado pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), foi realizado em sete estados do Brasil, incluindo o Rio Grande do Sul.

De forma geral, há uma predominância de estudos sobre saúde mental: estresse, Burnout, mal-estar, entre outros, construídos a partir do campo de conhecimento da psicologia e da biologia. O trabalho docente é compreendido como uma atividade repetitiva, fragmentada em tarefas e submetida a intensos ritmos de trabalho.

A profissão docente é considerada, pela Organização Mundial do Trabalho, como uma das mais estressantes, com forte incidência de elementos que conduzem à síndrome de Burnout. Esse fenômeno atinge professores de diferentes países e parece portar um caráter epidêmico mundial, que extrapola as fronteiras nacionais. (NOAL, 2003; CARVALHO, 2003).

A síndrome de Burnout se manifesta nos seguintes momentos: quando as demandas de trabalho são maiores que as possibilidades humanas e materiais, o que gera um estresse laboral no indivíduo; quando há evidências sobre o esforço de adaptação e produção de respostas emocionais aos desajustes percebidos; e quando há um enfrentamento defensivo das tensões experimentadas, ocasionando comportamentos de distanciamento emocional, retirada, cinismo e rigidez. (CARVALHO, 2003). A síndrome pode se manifestar em dores de cabeça, alterações gastrointestinais, fadiga crônica ou exaustão física, tensão muscular, ansiedade, depressão, distúrbios do sono e irritabilidade. (ASSIS, 2006; ROSSA, 2003).

Independentemente do nível de ensino, os professores se sentem realizados profissionalmente quando o significado de seu trabalho é claro e quando eles têm a avaliação social de que realizam um trabalho de qualidade. Contudo, se os salários são baixos, se as relações de trabalho são muito conflitantes e se não há garantia de emprego, os professores tendem a experimentar o Burnout e tantas outras doenças relacionadas às atividades laborais.

3 INVESTIGANDO A RELAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS DAS DOENÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo será apresentado o percurso metodológico da investigação, abrangendo a opção e concepção de pesquisa, desenho metodológico, escolha dos sujeitos e espaços da pesquisa, seleção dos instrumentos de coleta e análise de dados, além da relação e consequências das Doenças da Prática Pedagógica, detalhando o perfil dos participantes.

3.1 Caminhos Metodológicos

3.1.1 Opção e concepção de pesquisa

A pesquisa tem o intuito de investigar o mundo em que vivemos. Ela é definida por Gil (2010, p.1) como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ela é aplicada quando não se tem subsídios suficientes para responder ao problema ou quando as informações disponíveis não se adequam ao mesmo.

Assim, o presente estudo teve enfoque qualitativo, que, de acordo com Chizzotti (2001), parte da premissa de que há uma dinâmica relação entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2001, p.79).

A pesquisa qualitativa permitiu buscar a subjetividade implícita no sujeito pesquisado, tendo em vista a possibilidade de flexibilidade no seu processo de condução. Outra característica marcante da pesquisa qualitativa é o fato de que permitiu compreender singularmente aquilo que foi estudado, já que seu foco é o particular, o individual, buscando a compreensão dos fenômenos estudados situados naquele contexto específico. (ANDRADE & HOLANDA, 2010).

A abordagem filosófica que norteou este trabalho foi a fenomenológica, a qual descreve a visão de mundo do sujeito em estudo. Bicudo (2000, p.71), afirma que “a Fenomenologia tem por meta *ir-à-coisa-mesma* tal como ela se manifesta, prescindindo de pressupostos teóricos e de um método de investigação que, por si, conduza à verdade”.

Gil (2010) corrobora dizendo que a pesquisa fenomenológica tem a proposta de descrever a experiência vivida da consciência. Afirma ainda que se trata de um tipo de pesquisa que busca descrever os fenômenos da forma como se apresentam.

3.1.2 O desenho metodológico da pesquisa

Quanto aos fins, a presente pesquisa foi descritiva, que segundo Gil (2010, p.27), “[...] têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis”.

Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, etc. outras pesquisas deste tipo são as que se propõem a estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra, etc. [...]. (GIL, 2010, p.27, 28).

Com perspectiva semelhante, Vergara (2006, p.47) afirma que a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou fenômeno. “Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

Quanto aos meios, a pesquisa foi de campo e bibliográfica.

Vergara (2006), define pesquisa de campo como uma investigação empírica que se dá no local onde acontece ou aconteceu um fenômeno ou que dispõe de subsídios para explicá-lo. A pesquisa de campo tem por objetivo conseguir informações sobre um problema que precisa de resposta, ou uma hipótese a se comprovar. Ou ainda, fenômenos e suas relações entre si.

A pesquisa de campo, neste trabalho, se justifica por estudar uma população específica, em um local também específico onde acontece o fenômeno (professores do Ensino Médio que estejam trabalhando há menos de cinco ou mais de quinze anos). Sendo que isto disponibiliza subsídios para explicar o fenômeno em questão – as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento.

Fizeram parte da pesquisa de campo 83 professores de Ensino Médio das escolas públicas estaduais do Município de Frederico Westphalen que, no momento em que foram inquiridos, estavam trabalhando há menos de cinco ou mais de quinze anos com o Ensino Médio, bem como, os dez gestores destas escolas.

A pesquisa bibliográfica é considerada o primeiro passo de qualquer investigação científica, pois recolhe e seleciona conhecimentos prévios e informações acerca de um problema ou hipótese, já organizados ou trabalhados por outros autores, colocando o pesquisador em contato com material e informações que já foram escritos anteriormente sobre determinado assunto.

Gil (2010) afirma que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador a possibilidade de desvendar uma gama de fenômenos. Vergara (2006, p.48) corrobora dizendo que se trata de um “estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

A pesquisa bibliográfica foi empregada neste estudo, pois, antes de qualquer coisa, realizamos uma revisão de conceitos, um aporte teórico acerca da temática estudada.

3.1.3 A escolha dos sujeitos e espaços da pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa foram os professores do Ensino Médio das escolas públicas estaduais do Município de Frederico Westphalen – RS e os gestores dessas escolas. Essa cidade localiza-se na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (FIGURA 4), distante 415 km da Capital, Porto Alegre e conta com uma população aproximada de 29.000 habitantes (IBGE, 2013).



FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FREDERICO WESTPHALEN
Fonte: Base de Dados IBGE, Secretaria de Educação RS (2013).

Optamos por realizar a pesquisa com os professores do Ensino Médio por esta ser uma etapa intermediária entre o Ensino Fundamental e o Ensino Superior, já que não seria possível realizar a pesquisa com todos os professores em um curto espaço de tempo, que é o caso do Mestrado.

O Município de Frederico Westphalen foi o escolhido por ser o local onde a pesquisadora reside, facilitando, dessa forma, a coleta dos dados.

Na amostra não probabilística, a escolha dos elementos é feita de forma não aleatória, existindo um procedimento de seleção segundo critérios estabelecidos pelo pesquisador. Nenhum elemento qualquer pode fazer parte da amostra. A tipicidade significa que os elementos da amostra são julgados como adequados baseado em escolhas de casos específicos, na população onde o pesquisador está interessado. Vergara (2006, p.51), define a amostra por tipicidade como aquela “constituída pela seleção de elementos que o pesquisador considere representativos da população-alvo, o que requer profundo conhecimento dessa população”.

A seleção dos sujeitos se deu por amostragem não probabilística por tipicidade, pois optamos por investigar os professores com menos de cinco e aqueles com mais de quinze anos de trabalho no Ensino Médio por acreditar-se que aqueles que trabalham há menos de cinco anos têm menor probabilidade de apresentarem doenças relacionadas ao trabalho. Em contrapartida, acreditamos que aqueles com experiência de mais de quinze anos têm maior

risco de desenvolverem doenças laborais. Optamos ainda por pesquisar os professores que ocupam cargo de gestão neste momento por acreditar que, por estarem nesta função, estariam mais propensos a desenvolverem algum tipo de doença.

Para a realização dessa investigação, foram respeitadas as questões éticas em pesquisa, as quais garantam os princípios de autonomia, beneficência, não maleficência e justiça aos sujeitos pesquisados. Dessa forma, é garantida a integridade e anonimato do sujeito pesquisado conforme previsto na resolução 196/96, modificada pela resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996/2012). O estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética na Pesquisa, sendo avaliado e aprovado (ANEXO A).¹

3.1.4 A escolha dos instrumentos de coleta e análise de dados

Para a coleta dos dados desta pesquisa foram utilizados dois instrumentos: questionário com perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE B) e entrevista individual semiestruturada (APÊNDICE C).

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada. (CHIZZOTTI, 2001, p.55).

Chizzotti (2001, p.84) afirma também que “algumas pesquisas qualitativas não descartam a coleta de dados quantitativos, principalmente na etapa exploratória de campo”. Neste caso, o questionário foi aplicado aos 83 professores que trabalham com alunos do Ensino Médio, bem como os dez gestores de escolas que tenham Ensino Médio, que aceitaram participar do referido estudo. É importante salientar que, nesta primeira etapa, 19 sujeitos responderam aos questionários.

Na segunda etapa foi realizada uma entrevista individual com os professores que haviam respondido, no questionário, já terem apresentado atestado médico durante o seu exercício profissional e que se dispuseram, voluntariamente, a participar. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p.65) constatam que o objetivo da entrevista é a “compreensão

¹ Aos pesquisados foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) que foi assinado pela pesquisadora e pelo participante, para assim garantir o anonimato, privacidade e o direito do pesquisado em desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos ou danos para o mesmo. Os dados coletados serão guardados por cinco anos e depois incinerados, preservando as informações dos sujeitos da pesquisa. Os gestores das escolas participantes ainda assinaram um termo de co-participação (Apêndice D).

detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Segundo os mesmos autores, a entrevista ainda possibilita compreender “as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações”.

Neste caso, a entrevista individual foi empregada aos professores que responderam no questionário já terem apresentado atestado médico. Ela é semiestruturada de modo a permitir que o pesquisador seguisse um roteiro no decorrer da mesma. Nessa terceira etapa da coleta de dados, apenas quatro sujeitos participaram, sendo este um aspecto dificultador da pesquisa pois acreditamos que se houvessem mais participantes, seria possível entender melhor o universo que envolve o adoecimento dos professores.

A entrevista individual foi gravada, sendo que arquivaremos os áudios e, após o tempo de cinco anos, as gravações serão incineradas.

Para averiguar os dados coletados, utilizamos a análise qualitativa de dados – análise de conteúdo.

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações possíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.45).

A técnica de análise de conteúdo procura encontrar padrões ou regularidades nos dados e posteriormente, aloca-los dentro desses moldes, através do exame de porções do texto, inter-relacionados com a Opção Teórica abordadas na pesquisa. De acordo com Chizzotti (2001) o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

3.2 Relação e consequências das doenças da Prática Pedagógica

3.2.1 Perfil dos participantes

Dos 19 professores que responderam ao questionário, sete trabalham apenas com o Ensino Médio, oito com o Ensino Fundamental e Médio, um com Ensino Médio e Superior,

dois com Ensino Médio e Gestão e um com Educação Profissional, como pode ser percebido na figura a seguir.

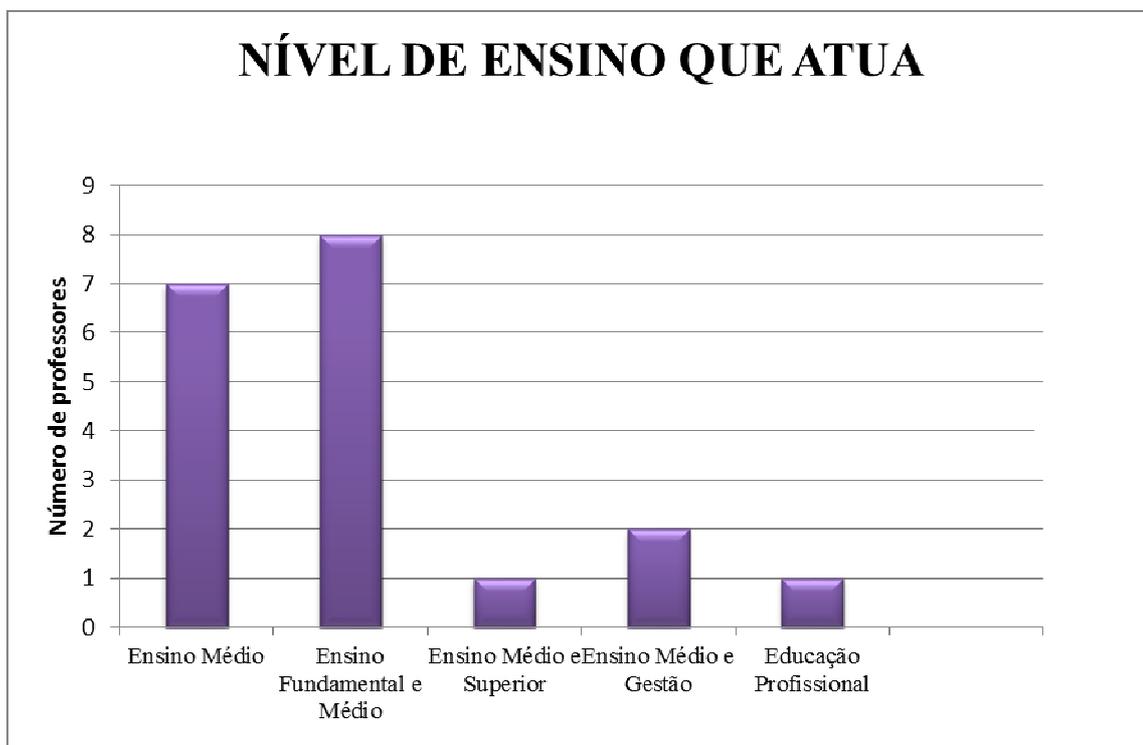


FIGURA 5 – NÍVEL DE ENSINO QUE OS PROFESSORES ATUAM

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Todos os 19 professores que responderam ao questionário trabalham com o Ensino Médio, sendo que 10 deles atuam a menos de cinco anos e sete atuam a mais de quinze anos nesse nível de ensino, o que está demonstrado na Figura 6. Em relação ao tempo de exercício profissional, podemos afirmar que a maioria (10 de 19) está na fase da “descoberta”, conforme Huberman (1989), que traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por ter uma turma e um programa pelos quais se é responsável, fazer parte de um corpo docente. Essa fase, conforme o autor é um aspecto vivenciado positivamente que ajuda os professores a superar os problemas relacionados com a sobrevivência.

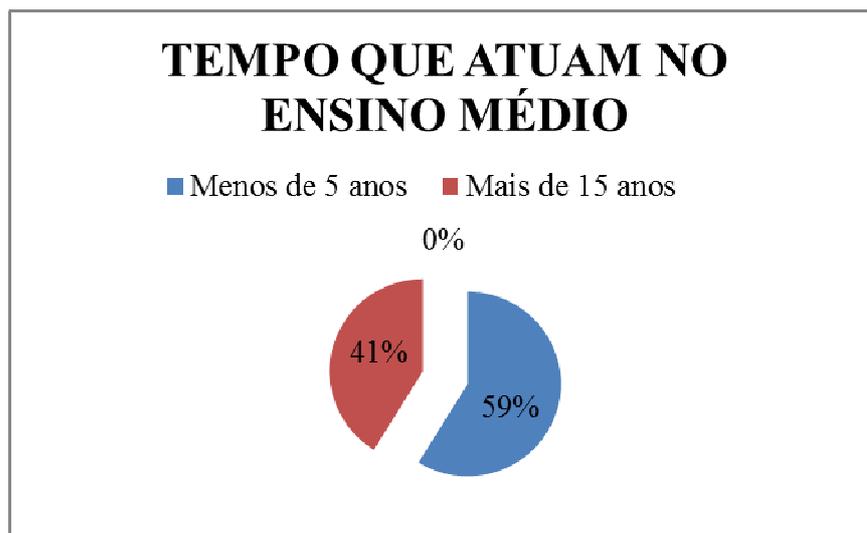


FIGURA 6 – TEMPO QUE OS PROFESSORES ATUAM NO ENSINO MÉDIO
Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Como mostra a Figura abaixo, não houve diferença significativa quanto ao gênero dos participantes, sendo 10 femininos e nove masculinos. A presença de quase a metade dos participantes sendo do gênero masculino surpreende, pois na educação básica, de modo geral, temos o predomínio das mulheres na atividade docente. De acordo com um relatório da UNESCO (2006), publicado em 2006, e com base em dados mundiais, a população feminina de docentes era consideravelmente superior à masculina, representava um total de 61%.

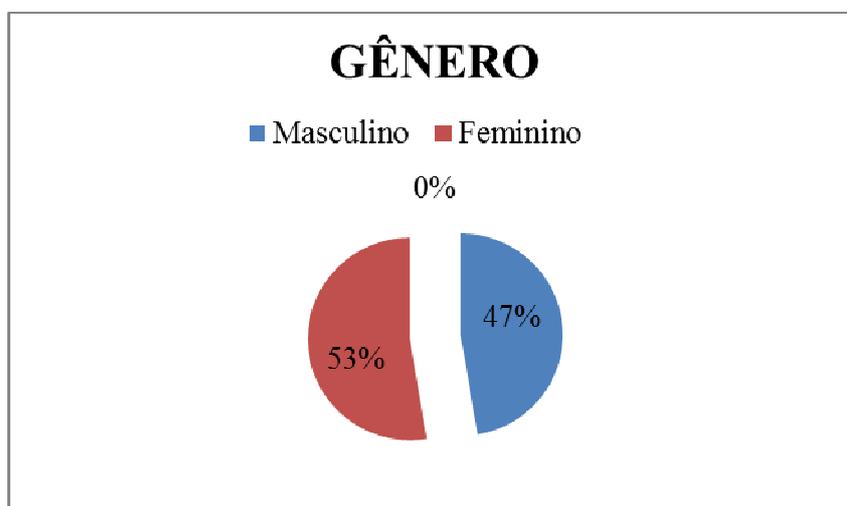


FIGURA 7 – GÊNERO DOS PROFESSORES
Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Houve grande variação de idade entre os sujeitos. No entanto, grande parte (nove de 19), concentrando-se na faixa etária dos 31 a 40 anos. Esse dado se assemelha com o relatório da UNESCO (2006), com base em dados mundiais e publicado em 2006, o qual afirma que 60% da população docente mundial encontra-se com idade entre 30 e 49 anos.

No que diz respeito ao estado civil dos professores, a esmagadora maioria afirmou ser casada ou viver em um relacionamento estável (15 de 19). Corrobora essa informação, uma pesquisa realizada na cidade de Palhoça – SC, estado vizinho ao nosso, onde 78% dos sujeitos alega viver com companheiro. (FOLLE & FARIAS, 2012).

A média salarial dos sujeitos dessa pesquisa gira em torno de R\$ 1.567,00 e R\$ 3.134,00, isto é, entre um e dois pisos nacionais do salário dos professores estabelecidos pelo Governo Federal. O que é considerado pouco, como explicita a resposta dada por eles à próxima pergunta, a qual indagava se, em relação ao trabalho que realiza, os sujeitos consideram que o salário que recebem, atendem às suas necessidades básicas. Nas respostas, 15 deles afirmaram que o salário que recebem não atende às suas necessidades básicas (alimentação, saúde, bem-estar, lazer, acesso a bens culturais...). Isso vai ao encontro de uma publicação de 2010 da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, a qual afirma que o salário do professor do Brasil é o terceiro pior do mundo, estando à frente somente do Peru e da Indonésia.

Quanto à escolaridade dos participantes, 12 têm especialização, quatro graduação e três possuem Mestrado, como apresenta a Figura a seguir. Essa informação confirma com um estudo exploratório sobre o professor brasileiro, desenvolvido pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2009), o qual afirma que mais de 90% dos professores que atuam na Educação Básica brasileira possuem, no mínimo, o Ensino Superior completo.



FIGURA 8 – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Dos 19 professores, 11 atuam somente em uma Instituição de Ensino, da mesma forma que os resultados apontados pelo estudo exploratório sobre o professor brasileiro, desenvolvido pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2009), que afirma que quase 87% dos professores do Ensino Médio atuam somente em uma escola.

A Figura 9 demonstra que a maioria dos sujeitos (11) trabalha 20 horas semanais com o Ensino Médio e, apenas oito, atuam 40 horas com esses alunos. Esse dado diverge da pesquisa realizada com professores do Ensino Médio do Estado de São Paulo, em que apenas 5% dos sujeitos trabalham até 20 horas semanais (FRANCISCO, 2010).

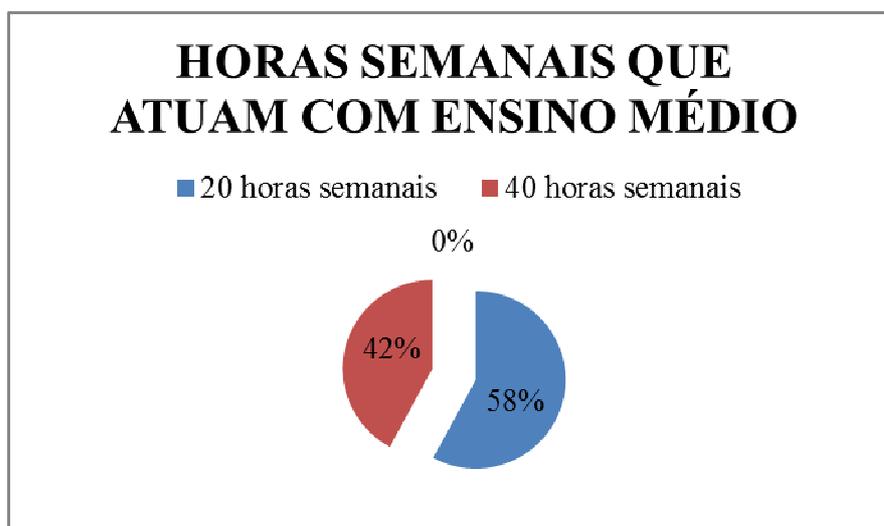


FIGURA 9 – HORAS SEMANAIS QUE OS PROFESSORES ATUAM NO ENSINO MÉDIO
Fonte: Elaborado pela autora (2014)

No que tange ao relacionamento dos sujeitos com seus colegas, 10 o consideram muito bom, cinco avaliam como bom e quatro como ótimo, o que é apresentado na Figura abaixo.

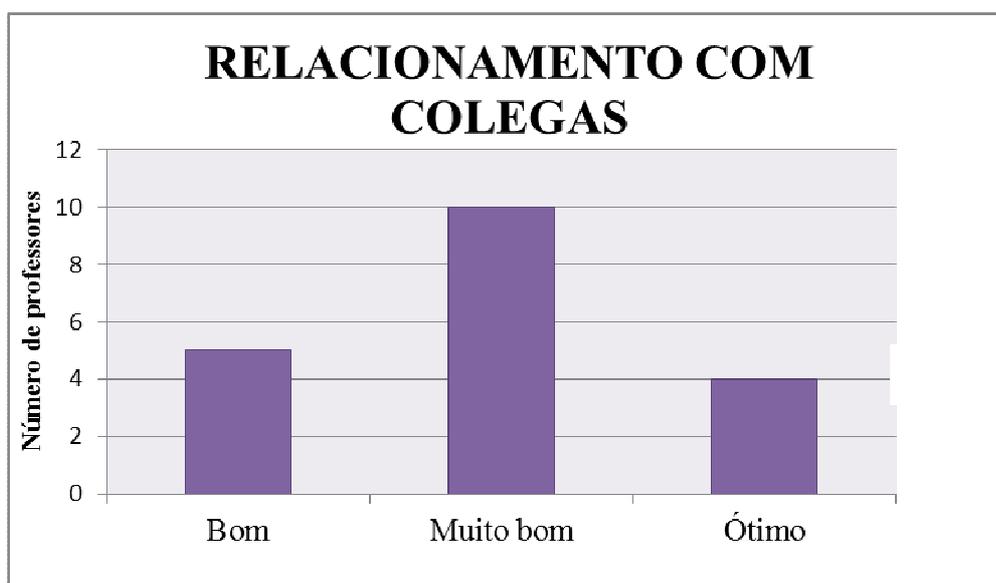


FIGURA 10 – RELACIONAMENTO DOS PROFESSORES COM OS COLEGAS
Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Já no que diz respeito ao relacionamento com os alunos, oito consideram bom, sete consideram muito bom e quatro avaliam como ótimo, conforme está apresentado no gráfico a seguir. Essa informação converge com o estudo realizado por Jacinto e Hobold (2012 p.293), afirmando que “o que caracteriza a relação com os estudantes do ensino médio é a proximidade e abertura que possuem para dialogar sobre diversos assuntos, destacando a postura de respeito que não se perde neste contexto”. Nogaro e colaboradores (2007, p. 200), corroboram afirmando que “sem um bom relacionamento, o processo pedagógico fica interrompido, a aprendizagem resta dificultada”.

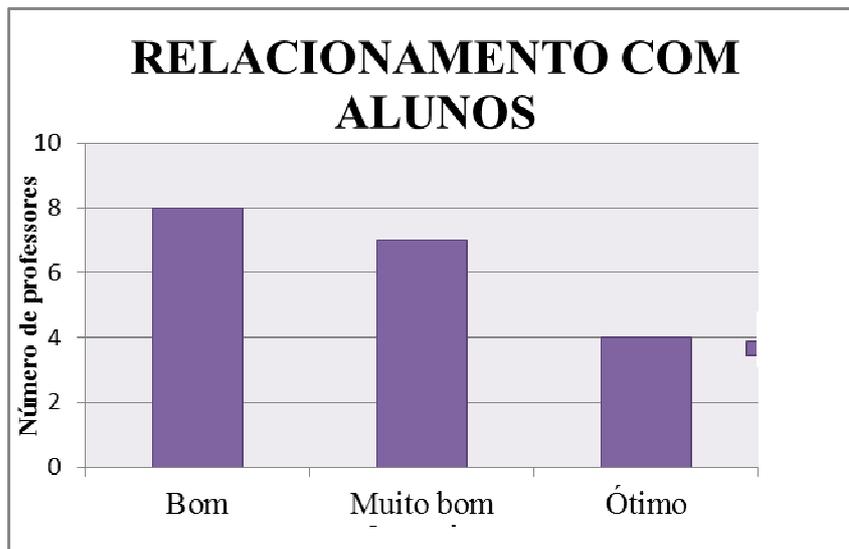


FIGURA 11 – RELACIONAMENTO DOS PROFESSORES COM OS ALUNOS

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Quando questionados se o trabalho que desenvolvem pode causar algum tipo de doença, um professor afirmou que não, enquanto a grande maioria (18 participantes) garantiu que sim, como mostra a Figura 12.



FIGURA 12 – PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES NO QUE DIZ RESPEITO SE O TRABALHO QUE DESENVOLVEM PODE CAUSAR DOENÇA

Fonte: Elaborado pela autora (2014).

Dentre essas doenças, a que mais aparece é o estresse, sendo citada 12 vezes, seguida da depressão, que foi citada quatro vezes e da ansiedade, citada três vezes. Além dessas, outras doenças que os professores elencaram foram: lesão por esforço repetitivo, problemas do sistema locomotor, nas cordas vocais, Síndrome de Burnout, enxaqueca e insônia.

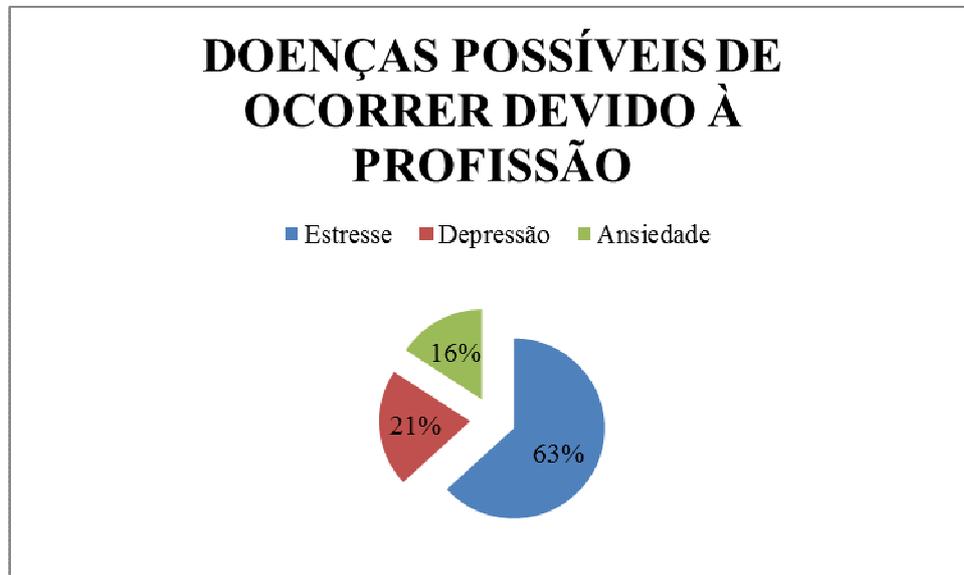


FIGURA 13 – DOENÇAS POSSÍVEIS DE OCORRER DEVIDO À PROFISSÃO, SEGUNDO OS PROFESSORES

Fonte: Elaborado pela autora (2014).

Ao serem questionados se já necessitaram se afastar de suas funções laborais por motivo relacionado à sua saúde, 12 negaram e sete afirmaram que sim. Quanto aos motivos que os levaram a se afastar, citaram: causas emocionais, fratura, pneumonia, estresse, acidente de trânsito e cirurgia vascular. Desses, seis apresentaram atestado médico e quatro aceitaram participar da entrevista. A análise dos dados desses resultados obtidos na entrevista é apresentada no próximo capítulo.

4 SAÚDE E DOENÇA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO DOCENTE E A ESCOLA

Nesse capítulo serão apresentadas as respostas dos sujeitos entrevistados e as análises realizadas a partir do diálogo com os autores que abordam a mesma temática e bem como realizaram estudos semelhantes em outras regiões, além de apresentar propostas de possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes.

Dos quatro professores entrevistados, todos apresentaram atestado médico enquanto professores, nenhum enquanto gestor. Dois apresentaram atestados médicos devido a acidentes, logo, as causas do adoecimento não estão relacionadas ao trabalho, uma vez que esses fatos não ocorreram relacionados a atividades laborais. No entanto, as outras duas professoras que se dispuseram a participar da entrevista alegaram terem apresentado atestado médico por causas ligadas diretamente ao seu fazer docente, uma por estresse e a outra cujo laudo apontava necessidade de afastamento por problemas causados por esforço repetitivo. No entanto, na entrevista, essa docente falou que a causa do afastamento colocada no laudo foi, de fato, uma forma dela se afastar da sala de aula por um tempo em função de um problema ocorrido com um aluno e para o qual não teve o apoio dos gestores da escola para solucionar. A professora não falou com clareza sobre qual o problema ocorrido com o aluno. Quanto ao tempo que os entrevistados permaneceram afastados de suas atividades laborais, variou bastante. Enquanto uma professora ficou apenas cinco dias afastada, outra precisou de dois anos, sendo que as duas necessitaram do atestado médico pelo mesmo motivo, basicamente, o estresse. No que diz respeito ao quanto a “doença-motivo” atrapalha/atrapalhou a prática docente, uma professora alegou não ter sofrido com isso, enquanto os outros três consideram que tiveram enorme interferência negativa nesse sentido.

Durante a entrevista, quando os professores foram inquiridos em relação ao que consideram importante para diminuir as causas de adoecimento docente, foram elencados diversos itens. O professor Um considera a prática de atividade física fundamental para diminuir o adoecimento, visto que a atividade docente *exige bastante da fala, do equilíbrio, da paciência... Você estar lidando com pessoas, isso acaba desgastando muito, então precisa ter uma atividade de lazer, um hobby que possa recuperar um pouquinho*. Além de ter uma boa alimentação e boas noites de sono. A professora Três considera importante haver uma

mudança no Sistema Educacional, no sentido de *os responsáveis, as autoridades, os governantes, eles tem que ouvir mais os professores. Porque quem está trabalhando com o aluno e na escola, são os professores*. Já a professora Quatro, sugere *não levar tão a sério, se preocupar menos, porque o Sistema exige todo dia um monte de mudanças e a gente não dá conta! Então, levar mais... leve!*.

Os professores, durante a entrevista, afirmaram diferentes razões sobre o que consideram importante fazer, ou não fazer, para cuidar/melhorar a sua saúde. O professor Um elencou os cuidados com a alimentação e a prática de exercícios físicos como fundamentais para que o docente tenha vitalidade para realizar bem o seu trabalho. Já a professora Dois considera *sagrado o momento de reclusão* que tem para ficar em casa, com seus familiares e amigos mais próximos, além de viajar para cidades maiores, visitando a família, indo ao *shopping* e realizando outras atividades que não consegue fazer em Frederico Westphalen, por se tratar de uma cidade pequena, com poucas opções de lazer. A professora Quatro repete o que respondeu na questão anterior: *não se empolgar tanto! Quando ver que não se consegue dominar ou dar todo conteúdo, essas coisas que o Sistema exige... mesmo tendo consciência disso, não levar tão a sério*.

Em relação ao que fazem para cuidar/melhorar a sua saúde, algumas afirmações são reveladoras de como o professor se sente enquanto profissional. A professora Três queixa-se muito do “sistema” que apoia demasiadamente o aluno e desampara o professor, alegando que para não adoecer ela procura “não levar tão a sério” a sua tarefa. Em contrapartida, a professora Quatro afirma que tem vontade de fazer muita coisa, mas só consegue fazer o uso de medicações.

Uma queixa que chama a atenção é quando a professora Dois comenta da dificuldade da vida social no interior. Ela afirma que prefere “a reclusão” de sua casa a sair e encontrar seus alunos, pais de alunos e/ou colegas de trabalho. Sendo que *ama ir pra um lugar que tá lotado de gente! [...] eu não me importo de forma nenhuma!* de encontrar outras pessoas, desde que não estejam relacionadas diretamente ao seu trabalho.

Dessa forma, respondendo ao objetivo geral desta pesquisa – Investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento –, temos como doenças mais frequentemente encontradas, aquelas que dizem respeito à saúde mental dos professores. Os sujeitos explicitam isso ao citar o “estresse” e as “doenças emocionais” como causa de seu afastamento das atividades laborais. Além de doenças mentais, os sujeitos afirmaram

necessitar afastamento por problemas relacionados à voz, tal como a laringite, que está anatomicamente ligada às cordas vocais.

Quanto às razões que os professores atribuem para o seu adoecimento, temos afirmações que chamam a atenção: o “estresse” e a “situação da sala de aula”. Isso faz perceber que o cotidiano laboral desses profissionais tem interferência direta na sua saúde. Pois, se o que se vive em sala de aula somado ao estresse, também vivido diariamente na escola, provoca o adoecimento, se entende que o ambiente escolar não está promovendo a saúde dos sujeitos.

4.1 As Doenças Emocionais na docência

De acordo com uma pesquisa recente realizada pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS, 2012) com 3.166 professores da rede estadual de ensino do Estado, cerca de 50% dos sujeitos pode apresentar algum tipo de doença emocional e mais de 70% afirma que convive com preocupações, nervosismo e tensão. Essa mesma pesquisa afirma que 53,6% dos professores que atuam nas escolas estaduais de Frederico Westphalen, município no qual o presente estudo foi desenvolvido, apresentam Transtornos Mentais Comuns (TMC), ou seja, algum transtorno psiquiátrico nos quais estão inseridas as doenças emocionais.

A pesquisa realizada pelo CPERS (2012) aplicou um questionário aos seus sujeitos, sendo que algumas respostas chamam muito a atenção. Quase 73% dos professores do Estado do Rio Grande do Sul sentem-se nervosos, tensos ou preocupados, quase 5% já pensou em cometer suicídio, mais de 30% perdeu o interesse pelas coisas, mais de 25% tem chorado sem motivos aparentes, quase 27% considera seu trabalho penoso e que causa sofrimento e, por fim, quase metade dorme mal.

Da mesma forma, um estudo realizado com professores na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, afirma que o maior motivo do afastamento do trabalho são os transtornos psíquicos, que são doenças emocionais (GASPARINI et al., 2005). As autoras ainda sugerem os motivos causadores dessas doenças, quais sejam: defasagem e precariedade das condições de trabalho; a necessidade de o professor não ser somente professor, de ele ter de assumir a gestão e planejamento da escola (FIGURA 14), aumento de trabalho e o não consequente aumento salarial.



FIGURA 14 – O PROFESSOR COMO CENTRO DE TUDO

Fonte: Construir notícias – Disponível em <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=2111>

Estes dados assustam pela gravidade que cada um representa. O fato de quase um terço dos professores gaúchos considerarem que seu trabalho causa sofrimento, por si só, já é motivo para pensarmos sobre o assunto. E quando percebemos que cinco em cada 100 professores já cogitaram a ideia de tirar a própria vida, temos a nítida percepção de que algo muito grave acontece com o trabalho docente no Estado do Rio Grande do Sul.

Neste mesmo sentido, Sinprorio (2011), afirma, na sua apresentação, que,

O ato de ensinar é constituído de peculiaridades geradoras de estresse e de alterações de comportamento daqueles que o executam, expondo permanentemente os professores a uma degeneração progressiva da sua saúde mental e os professores estão entre as três principais categorias atingidas pela síndrome de Burnout. (SINPRORIO, 2011, p.01).

É oportuno, neste momento, trazer o significado da Síndrome de Burnout, que é uma doença emocional. Dantas e Borges (2012, p.121), conceituam Burnout como “aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia: estar esgotado ou queimado de fora para dentro”. Carlotto e Câmara (2007, p.102), afirmam que “Burnout é um fenômeno psicossocial que surge como uma resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos na situação de trabalho”. O que está demonstrado na Figura 15.

**BURNOUT:
QUANDO O TRABALHO
AMEAÇA O BEM-ESTAR
DO TRABALHADOR.**



FIGURA 15 – A SÍNDROME DE BURNOUT NOS PROFESSORES

Fonte: André Psicologia – Disponível em <http://andrepsicologia.com/stress-ansiedade/sindrome-de-burnout/>

Em análise convergente, Codo (1999) afirma, com base em um estudo realizado com quase 40 mil trabalhadores da Educação em todo o Brasil, que perto de 50% da população em questão apresenta Síndrome de Burnout.

Na mesma perspectiva, uma pesquisa realizada na rede pública da Região Centro-Oeste do Brasil, com mais de oito mil professores, revelou que quase 16% dos investigados apresentam a Síndrome de Burnout, o que “reflete intenso sofrimento causado por estresse laboral crônico” (SINPRORIO, 2011, p.2). Ainda, Carlotto e Câmara (2007) afirmam que a variável mais encontrada nos professores do Ensino Médio é a exaustão emocional, o que confirma o dado encontrado nesta pesquisa de que as doenças emocionais são as mais comumente encontradas nesses profissionais, o que está ilustrado na Figura 16. Também encontramos nos resultados da pesquisa realizada pelas autoras, a grande prevalência de exaustão emocional e baixa realização profissional por parte dos professores investigados.



FIGURA 16 – O ADOECIMENTO DOS PROFESSORES

Fonte: Diário do Professor (2012) – Disponível em <http://revistadeciframe.com/2011/02/10/sindrome-de-burnout-como-identificar-e-enfrentar-esse-problema-que-afeta-a-vida-de-tantos-profissionais/>

Nesse sentido, Zaragoza (1999) traz a tona o mal-estar docente, que o autor define como a “sensação de mal-estar difuso”, onde considera que uma determinada combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado esgotamento docente, que afeta sua personalidade.

Pelo mesmo viés, Esteve (1999) se refere ao mal-estar docente da seguinte maneira,

A expressão ‘mal-estar docente’ é intencionalmente ambígua. O termo ‘mal-estar’ refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um ‘desolamento ou incômodo indefinível’. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo ‘mal-estar’ sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por que. (ESTEVE, 1999, p.12).

E o autor ainda sugere porque surge o mal-estar docente: a sociedade exige do professor um esforço sobre-humano, ao responsabilizá-los por demandas e acontecimento que não os cabe, e sem dar as mínimas condições de que as menores demandas sejam resolvidas (ESTEVE, 1999). E como consequência, percebemos que, na medida em que o professor vai adoecendo, toda a comunidade escolar perde, a escola adocece o que está explicitado na Figura 17.



FIGURA 17 – O ADOECIMENTO DA EDUCAÇÃO

Fonte: PUC – RJ – Disponível em http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Sindrome-de-Burnout,-um-mal-a-ser-combatido-3851.html#.U340q_ldX-s

4.2 O estresse na docência

Dentre as doenças emocionais, temos o estresse, que também foi lembrado pelos sujeitos desta pesquisa. E, nesta perspectiva, Valle e Valle (2010) trazem o estresse ocupacional como um grande vilão da saúde do professor, o qual se caracteriza como um

fenômeno biopsicossocial que preocupa por causar adoecimento aos trabalhadores. A referida doença se dá devido ao ritmo acelerado a que os professores estão expostos, bem como as exigências por produtividade e está demonstrada pela Figura 18.



FIGURA 18 – PROFESSORA ESTRESSADA

Fonte: Mundo e educação – Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/educacao/motivos-estresse-dos-professores.htm>

Os mesmos autores afirmam ainda que, obrigatoriamente, o estresse enfrentado no trabalho interferirá na qualidade de vida do professor e também na qualidade do seu sono, o que provocará mais estresse no trabalho.

O estresse é um processo complexo, no qual estão envolvidos fatores psicológicos, físicos e bioquímicos. É desencadeado de acordo com a resposta que o indivíduo tem frente a situações estressantes e/ou agoniantes e ocorre quando há um esforço maléfico e exagerado (JÚNIOR & LIPP, 2008).

De acordo com Júnior e Lipp (2008), o estresse é caracterizado por vários sinais e sintomas, dentre os quais, pode-se destacar: baixa autoestima, pânico, choro fácil, tristeza, dificuldade de concentração, falha de memória, irritabilidade, pesadelos, depressão, sentimento de raiva ou solidão, nervosismo, cansaço físico e mental, excesso ou falta de apetite, perturbação do sono, entre outros.

O estresse na sociedade moderna pode ser explicado pelas transformações sociais que vêm desenhando o modo de vida e definindo novos padrões de saúde-doença, e exerce forte influência sobre a estrutura de trabalho. (SELEGHIM, et al., 2012). Algumas profissões

apresentam maior predisposição a esses fatores estressantes. Dentre essas, destaca-se o profissional docente, o qual está constantemente exposto a essas situações, seja em sala de aula, ao ter contato com os alunos, seja na escola, trabalhando com diferentes tipos de colegas.

O estresse é uma alteração psicofisiológica do organismo, observável através de sintomas físicos e psicológicos, para reagir a situações de tensão e opressão. Esta doença trata-se de um processo e não uma reação única, pois a partir do momento que uma pessoa é submetida a uma fonte de estresse, um longo processo bioquímico se instala, e seu início se manifesta de maneira bastante semelhante por sintomas como taquicardia, sudorese excessiva, tensão muscular, boca seca e sensação de estar em alerta. O estresse é considerado um fenômeno da vida moderna, que pode estar presente na vida de todas as pessoas, independente de idade, sexo, classe social ou profissão. (GOMES et al., 2012).

Andrade e Cardoso (2012) afirmam que o estresse prolongado pode ou não levar a um desgaste geral do organismo, isso vai depender da forma como o sujeito vai enfrentá-lo, bem como sua duração e intensidade. Dessa forma, é possível afirmar que o estresse não ocorre de maneira igual nas diferentes pessoas, mas sim de modo singular para trabalhadores de diferentes empregos ou setores, dependendo muito da atividade desempenhada pelo trabalhador.

Júnior e Lipp (2008, p.848) apresentam o estresse dos professores como “uma síndrome de respostas de sentimentos negativos”, sendo que esses sentimentos normalmente estão acompanhados de alterações bioquímicas e fisiológicas, como demonstrado na Figura 19. Esses sintomas surgem devido às exigências que os professores estão sujeitos diariamente.

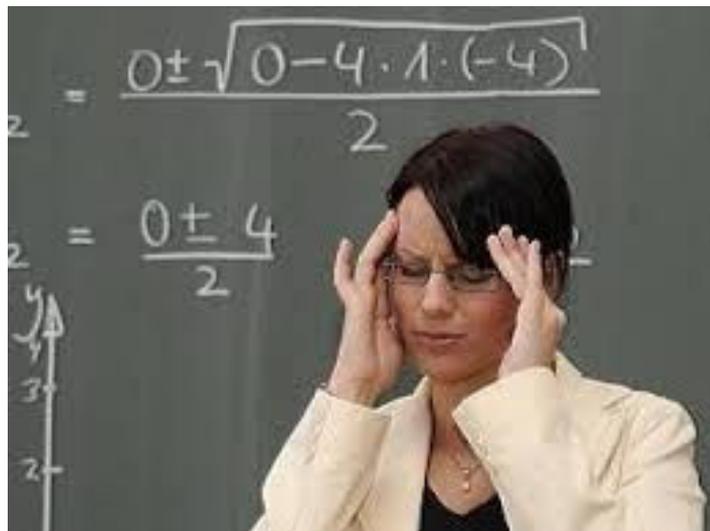


FIGURA 19 – O PROFESSOR DOENTE

Fonte: Mundo e educação – Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/educacao/a-consequencia-estresse-nos-professores.htm>

A escola, como qualquer ambiente laboral, também sofreu a massificação da sociedade industrial moderna, cobrando dos docentes parâmetros de produtividade e eficiência empresarial. Neste contexto, os professores, como trabalhadores, passaram a preocupar-se não só com suas funções docentes, mas também com questões baseadas no paradigma da civilização industrial, isto é, com sua carreira, sua segurança e seu salário. Esses profissionais passam a ter, além dessa sobrecarga, um tempo reduzido para a sua qualificação, comprometendo seu desenvolvimento e realização profissional. Frente a essas questões, fica evidente que na natureza do trabalho do docente existem diversos estressores que, se persistentes, podem levar à Síndrome de Burnout. (ANDRADE & CARDOSO, 2012, p.131).

Não é difícil entender porque os professores estão estressados. Se pensarmos na exaustiva jornada de trabalho que a grande maioria tem, percebemos facilmente que eles diariamente se deparam com situações, no mínimo, conturbadas. A partir do conhecimento que temos acerca da vivência cotidiana dos professores, percebemos claramente os alunos descomprometidos, o baixo salário e a desvalorização que o docente recebe.

A atividade do professor se distingue de todas as outras, pela sua natureza e pelo seu valor social. O professor tem uma função complexa, considerando que cada um dos alunos tem características únicas e necessidades muito diferentes. Conforme os conhecimentos se ampliam e o mundo se transforma por meio de inovações tecnológicas e de comunicação globalizada, as dificuldades se acumulam para o professor que precisa se adaptar a novas exigências que promovam a aprendizagem de seus alunos. (VALLE, REIMÃO & MALVEZZI, 2011, p.238).

Trabalhar com diferentes realidades, personalidades distintas e interesses variados, com certeza são variáveis desencadeantes de estresse. Somando a isso as novas tecnologias e alteração da maneira de aprendizagem dos alunos, acaba por dificultar ainda mais o trabalho do professor.

Desta forma, fica evidente a necessidade de haver mais investimentos financeiros e de políticas no que tange a saúde dos professores. É imprescindível debater e estudar estratégias de valorização profissional, bem como incentivo a lazer e cuidados com a saúde. Salientamos ainda que isso deve partir de iniciativas governamentais.

4.3 Doenças relacionadas à voz dos docentes

A comunicação, como um todo, dos professores com seus alunos e com seus colegas fica comprometida quando se tem um problema de voz, prejudicando seu rendimento e aumentando a insatisfação profissional. (SINPROSP, 2006, p.5).

Deste modo, é importante levar em consideração os distúrbios da voz relacionados com ambiente de trabalho (FIGURA 21). Dentre os vários fatores possíveis de desencadear esses

distúrbios, citamos os altos níveis de ruído, desconforto e choque térmico, ventilação inadequada, presença de poeira, prolongada jornada, sobrecarga, acúmulo de atividades, demanda vocal excessiva, ausência de pausas e de locais de descanso durante a jornada, ritmo estressante, trabalho sob forte pressão e insatisfação com o emprego e com a remuneração (SERVILHA et al., 2010).

As adversidades das mais diferentes ordens têm gerado alterações de voz em professores como doenças da laringe e pregas vocais, com conseqüentes queixas relacionadas à voz, como rouquidão, falhas e perda da voz, cansaço vocal, assim como sensações relacionadas à garganta como dor, secura e pigarro. (SERVILHA et al., 2010, p.506).

Essa afirmação vem ao encontro dos achados no presente estudo, em que os professores pesquisados relatam que uma das doenças que mais acometem os docentes são aquelas relacionadas à voz, principalmente, a laringite.



FIGURA 20 – CUIDADO COM A VOZ

Fonte: Professores são infinitos – Disponível em: <http://profsaoinfinito.blogspot.com.br/2014/04/dia-mundial-da-voz.html>

Da mesma forma, na investigação realizada por Campos e Ito (2009), os achados mostraram um alto índice de professores que afirmaram ficarem sem voz com frequência, além de grande parte deles, apresentarem rouquidão ou perda de voz nos últimos seis meses.

O professor, como qualquer trabalhador, está exposto a uma série de fatores de risco que podem levá-lo ao adoecimento, absenteísmo e até afastamento definitivo do trabalho. Quando esse agravo à saúde está sediado na laringe, leva à disфонia e incapacidade de utilizar a voz como instrumento de trabalho. Desta situação decorrem várias conseqüências negativas, pois o professor fica inapto a exercer a profissão para a qual se qualificou; a instituição escolar se obriga a substituir o docente, forma intermitente ou prolongada, até que o professor titular da classe retorne ao trabalho, ou seja, readaptado para nova função; há interferência no desempenho escolar do alunado, que estranha essa permuta, o que lhes requer grande capacidade de adaptação e, caso o professor insista em ministrar suas aulas mesmo disfônico, a audibilidade de sua voz não favorece sua compreensão pelos discentes e, finalmente, o Estado terá que arcar com os custos do tratamento do professor por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e de seus afastamentos do trabalho. (SERVILHA et al., 2010, p.506).

Dessa forma, em pesquisa realizada pelo SINPROSP (2006), comparando os problemas vocais dos professores com a população em geral, constatou que os professores perdem mais dias de trabalho, têm que mudar mais as atividades de trabalho e cogitaram mudar de profissão futuramente, mais que o restante da população.

Nessa mesma pesquisa, quase 30% dos professores afirmaram que as atividades que desempenham na sua profissão têm efeito direto na voz, o que mostra a Figura 22, pois, estão, diariamente, expostos a salas cheias de alunos (geralmente mais do que o recomendado), pó de giz e acústica inadequada (SINPROSP, 2006).



FIGURA 21 - A VOZ INSTRUMENTO DE TRABALHO DO PROFESSOR

Fonte: Educador Brasil Escola – Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/orientacoes/voz-professor.htm>

Corroborando, Zaragoza (1999), em uma pesquisa realizada em Málaga, na Espanha, onde ele estudou a evolução da saúde dos professores, afirma que o segundo principal motivo de licenças médicas, foram as laringites, que estão intimamente ligadas às doenças da voz. Da mesma forma, Siqueira e Ferreira (2003), ao estudarem as professoras das séries iniciais da rede pública de ensino de Florianópolis – Santa Catarina perceberam as doenças do sistema respiratório como as mais frequentes. Esses estudos demonstram claramente o quanto a atividade docente interfere ou causa doenças relacionadas à voz. Fato que se dá por ser a fala o principal meio de trabalho do professor.

Os sujeitos referem variadas consequências na prática docente, que as doenças por eles apresentadas, podem ter. Enquanto uma professora refere sair fortalecida, conseguindo enfrentar melhor as adversidades do cotidiano escolar, a maioria dos entrevistados afirma ter dificuldades e que a aula que eles dão hoje é diferente do que era antes de adoecerem. Os sujeitos referem “ter limites” e que o emocional, após a doença, “não colabora mais”, se referindo à energia que tem de empregar ao trabalhar com os adolescentes.

Outra consequência comum das doenças dos professores é o absenteísmo, a falta ao trabalho por parte dos docentes. Conforme analisa Zaragoza (1999), o absenteísmo é um mecanismo de defesa que os professores utilizam para fugir, mesmo que seja por pouco tempo, desses fatores desencadeantes das doenças que os acometem.

4.4 Possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes

Ao analisar os dados, relatos e considerações feitas pelos professores é inevitável pensarmos ações que busquem prevenir essas doenças por eles citadas. A seguir apresentaremos uma proposta de possíveis estratégias para a prevenção das doenças laborais nos docentes. A sugestão abrange estratégias em três níveis: Individuais, Coletivas e Políticas Públicas.

4.4.1 Estratégias individuais

Para conseguir prevenir o aparecimento de doenças é necessário, antes de qualquer coisa, promover a saúde. Para tanto, é importante que o professor organize uma rotina, priorizando as atividades e reservando um tempo para intervalos e convivência com amigos e familiares. Pois, para ter saúde, deve-se ter lazer. (SINPRORIO, 2011).

Além disso, percebemos como a estratégia mais importante para prevenir doenças, que o professor consiga separar sua vida profissional da pessoal. Sabemos que, muitas vezes, esse profissional acaba levando alguns trabalhos para fazer em casa – e isto é compreensível. No entanto, ele não pode deixar que isso interfira na sua vida pessoal, no relacionamento com sua família e amigos. É imprescindível que ele saiba separar esses dois momentos, pois ele precisa trabalhar, mas precisa também descansar e conviver em família.

Outro aspecto a ser considerado para promover saúde e prevenir doenças é a realização de atividade física. São muitas as opções: academia, caminhada, pilates, yoga, entre outras. O exercício físico, praticado regularmente, libera hormônios fundamentais para a saúde do corpo e da mente. (SINPRORIO, 2011).

É importante, também, que o professor se sinta motivado para trabalhar. E essa motivação tem de partir do próprio professor. Ele tem de estar realizado e com vontade de trabalhar,

[...] a saúde no trabalho está relacionada às tentativas de transformação das situações adversas no movimento de busca do prazer e fuga do sofrimento. [...] Não é a ausência do sofrimento que sugere um comportamento saudável e sim, as possibilidades internas e externas de o indivíduo transformar o sofrimento por meio da tomada de consciência de suas causas, dos conflitos e frustrações que o geraram. (ARAÚJO & SOUSA, 2013, p.4).

Contribui para que o professor se motive a trabalhar, se ele estiver feliz e com corpo e mente descansados. Para tanto, o professor deve ter algum *hobby*, algo que ele faça e renove suas energias. Ele precisa pensar em si, se cuidar. Separar um tempo (15 minutos diários, pelo menos) em que ele seja a prioridade em sua vida, onde pense só coisas agradáveis, ou ainda não pense em nada, simplesmente descanse.

Enfim, por mais fatigante e/ou estressante que seja o seu ambiente de trabalho, o professor deve se esforçar para transformá-lo em equilibrante e prazeroso. Faz-se necessário para isto, que o professor consiga enxergar nesta esfera de problemas que afirma conviver, um espaço de alegria. Tem de vir da sua vontade, construir e ver o ambiente escolar como um local prazeroso de estar e trabalhar (CANTOS et al., 2005).

Quanto a possíveis estratégias de prevenção de doenças relacionadas à voz, os professores podem utilizar, em aula, algumas ferramentas que diminuam o uso contínuo desta, tais como: vídeos sobre o assunto a ser trabalhado, seminários produzidos e apresentados pelos alunos, ou outras atividades em que haja maior participação da classe e menos fala do professor. Ao fazer isto, ele estará preservando a sua voz. (SINPROSP, 2006).

4.4.2 Estratégias coletivas

Nesse quesito, percebemos a importância de os professores terem um bom relacionamento com seus alunos, colegas e superiores. Jacinto e Roboldi (2012, p.285) afirmam que “o trabalho docente se constrói por meio da relação do professor com a escola e, sobretudo, com o aluno” e, da mesma forma, essa relação é necessária para promover a saúde e, conseqüentemente, prevenir doenças, pois, o trabalho docente se constrói através disso, e para que seja desenvolvido da melhor maneira, é necessário que o professor esteja bem física e psicologicamente.

Além de o professor ter um bom relacionamento com os alunos, é necessário que ele busque qualidade nas relações interpessoais – leia-se relações com colegas, superiores e amigos. Conseguir se relacionar com os colegas, não permitindo que “produção” se confunda com “competição”, trabalhar em um ambiente agradável, onde possa discutir assuntos

relacionados ao trabalho, mas também assuntos banais são aspectos de suma importância para promover saúde.

Cantos e colaboradores (2005) sugerem, neste contexto, que os professores substituam as palavras *competitividade* e *individualismo* por *coleguismo* e *coletivismo*. Agindo dessa forma, a tendência é que haja um ambiente acolhedor e, por vezes, familiar, na escola. É importante que, além de colegas, os profissionais sejam parceiros, trabalhem juntos, todos em prol do crescimento, conhecimento e amadurecimento do aluno. Isso, por si só, já acarretará em melhoramento das condições laborais e, conseqüentemente, da promoção da saúde.

O professor, antes de profissional, é humano, pessoa e, assim sendo, precisa ser visto e se relacionar. É comprovado cientificamente que a interação prazerosa com amigos, familiares ou colegas, libera a ocitocina, que é um hormônio conhecido popularmente como “hormônio da amizade”. Além disso, as relações interpessoais aumentam a rede de apoio do professor, permitindo que este se sinta mais seguro e feliz no ambiente de trabalho. (SINPRORIO, 2011).

É necessário restaurar a dimensão coletiva do trabalho, uma vez que o professor encontra-se isolado em sua sala de aula com quase nenhuma interlocução com os seus pares. É preciso apostar nas redes que se diferenciam das redes frias propostas pelas políticas que operam com a lógica do capital enquanto sistema de equalização de modos de existência para, a partir de um funcionamento quente, gerar mais efeitos de diferenciação e menos de medicalização, homogeneização e hierarquização. (BRASIL, 2008, p.7).

Ou seja, a atividade docente deve ser encarada como uma atividade coletiva. Não é porque o professor trabalha sozinho em sala de aula com seus alunos, que sua profissão é individual. Nesse sentido, Nogaro e colaboradores (2007), afirmam que é importante que a sala de aula, o ambiente escolar, sejam um espaço agradável, de troca, de diálogo, de interação. O professor precisa desenvolver vínculos com seus colegas, alunos e superiores, promovendo, dessa forma, saúde e prevenindo o surgimento de doenças.

4.4.3 Estratégias relacionadas às Políticas Públicas

Como estratégia de Políticas Públicas, temos como exemplo um programa de saúde vocal desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Anhumas, no Estado de São Paulo. O projeto, que tem como objetivo “prevenir e combater o adoecimento dos docentes”, conta com a ação de fonoaudiólogo que, por meio de análise vocal, orienta os professores para que desenvolvam hábitos e cuidados que favoreçam o bom desempenho da voz. O autor afirma

ainda que, ao investir na saúde dos docentes, os gestores estão investindo em Educação, diminuindo a quantidade e tempo de afastamento dos profissionais por problemas de saúde. (SAIA, 2013).

Nesta mesma linha de pensamento, além do acompanhamento de um fonoaudiólogo, é de extrema importância que os professores e gestores contem com acompanhamento semanal de um serviço de psicologia, pois as doenças mentais lideram as doenças que acometem os professores. Seria muito interessante que o Estado ou Município dispusesse profissionais psicólogos que acompanhassem os docentes, antes deles adoecerem, evitando assim, um prejuízo financeiro, ao ter que investir em tratamento, bem como prejuízo dos alunos, pois conforme percebemos neste estudo que são os alunos que acabam sofrendo as consequências do adoecimento dos professores.

Em tal contexto, Machado (2006), lembra o êxito que tem trabalhando como psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Este Serviço oferece atendimento psicológico às escolas públicas, primeiramente, com os profissionais psicólogos se deslocando até as instituições de ensino para conversar com os professores individualmente e, em outro momento, realizando encontros coletivos mensais no Instituto.

Outra possibilidade de amenizar os efeitos desgastantes e exaustivos das salas de aula é investir em alguma forma de lazer para os professores. Conforme um dos sujeitos do presente estudo, não há locais que ele possa ir, na cidade que atua, para se divertir, sem que seja julgado ou apontado por seus alunos e/ou colegas. Dessa forma, uma possível estratégia, seria criar locais e momentos onde esses professores possam sair, encontrar amigos, e vivenciarem momentos de lazer.

No entanto, seria muito mais econômico e incentivador, se os gestores investissem, além da prevenção de doenças, na promoção da saúde dos professores. Podem fazer isso, melhorando as condições de trabalho destes, possibilitando que trabalhem em salas de aula limpas, com carteiras inteiras, sem vidros quebrados. Faz-se importante também, investir na infraestrutura, além da sala de aula, de toda a escola – sala de professores, direção e coordenação pedagógica, por exemplo. Com certeza, os docentes trabalharão muito mais motivados se, ao saírem de suas casas para irem até a escola, encontrem um ambiente acolhedor, agradável, que permita que eles sintam-se valorizados e responsáveis por um processo/sistema de qualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde, entendida como um processo qualitativo que diz respeito ao funcionamento integral do organismo, não é mais percebida como sinônimo de ausência de doença. Promover a saúde é promover meios para que cada indivíduo possa traçar um caminho pessoal e original em direção ao bem-estar físico, psíquico e social, participando ativamente do controle sobre as condições de saúde da sociedade. Para isso, faz-se necessário o desenvolvimento de um conjunto de recursos objetivos e subjetivos, que permita ao sujeito estabelecer uma inter-relação positiva com a situação social em que vive e com as contradições e dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Levando em consideração a agitação, prazos e metas impregnadas no cotidiano do professor, a presente investigação procurou identificar quais as doenças laborais mais comumente encontradas em professores do Ensino Médio em um Município do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, se elegeu, para norteá-la, a seguinte questão: Quais as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento?

Faz-se necessário afirmar que houve aspectos que dificultaram o processo da realização deste estudo, dentre os quais, o reduzido número de sujeitos que aceitaram participar da entrevista. No entanto, compreendemos o receio em responder a uma entrevista, expor coisas que acontecem dentro do ambiente escolar, o que é natural, se considerarmos que eles temem até apresentar o atestado médico. Temem sofrer retaliações ou “deixar de pontuar” para “subir de classe”.

No entanto, esta pesquisa respondeu a todos os objetivos, embora se tenha presente as limitações impostas pelo reduzido número de sujeitos participantes. Contudo, entendemos que esses resultados são representativos e concordantes com outras investigações já realizadas. As doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio são as doenças mentais, as quais abrangem doenças emocionais, estresse, síndrome de Burnout, entre outras, e aquelas relacionadas à voz, que é o principal instrumento de trabalho dos docentes. Quanto ao que estes profissionais atribuem como causa do adoecimento, temos o estresse – que aparece como causador da doença e como doença propriamente dita –, além da situação das salas de aula e do ambiente escolar.

É importante salientar que saúde não é sinônimo de ausência de doenças e que tanto uma (saúde), quanto a outra (doença) ocorrem no ambiente escolar. Existem conceitos diferentes e, ao mesmo tempo iguais, a qualquer outro meio. Na docência se vive mais saúde, os professores trabalham a promoção da saúde com seus alunos. Porém, não deixam de adoecer por isso, pois, antes de professores, são seres humanos, com sentimentos, com suas fraquezas e que sim, adoecem!

Em função deste adoecimento dos professores surgem consequências, dentre as quais destacamos a desmotivação, o absenteísmo e as aulas sem inovação. Mas o maior problema dessas decorrências é que o maior prejudicado é o aluno. Este que vai até a escola para aprender, trocar experiências, vivenciar coisas novas, acaba encontrando um professor desmotivado e somente “cumprindo seu papel de estar na escola transmitindo o que sabe”.

Contudo, este trabalho buscou encontrar possíveis estratégias que previnam o surgimento de doenças nos professores e, antes disso, promovam saúde entre eles. Optamos por dividir em três categorias essas possíveis estratégias: individuais, coletivas e de Políticas Públicas. Há muito que se fazer para prevenir as doenças e, se cada um cumprir com o seu papel e fizer a sua parte, esse cenário poderá mudar.

Além das estratégias de prevenção propostas, acredito ser interessante investimento na formação do professor. Os cursos de Formação de Professores devem se empenhar em mostrar ao futuro profissional, além da técnica, da prática pedagógica, que ele, que antes de professor é ser humano, está adentrando num universo estressante, com metas a serem cumpridas e demais exigências, e prepara-los para enfrentar esses possíveis problemas. Ao receber formação no sentido “emocional”, além do prático, é possível que o número de docentes acometidos por doenças emocionais, diminua.

Claro que os questionamentos não se esgotam por aqui. Ainda há muito a ser estudado, implantado e implementado. Uma pesquisa nunca encerra-se em si mesma. Pelo contrário, pode atuar como forma de incentivo para futuros estudos, não só com o Ensino Médio, mas também com Ensino Fundamental e Superior, além de comparar possíveis doenças entre os professores destes níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P.S.; CARDOSO, T.A.O. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a síndrome de Burnout. **Saúde e Sociedade**. Vol.21 n.1, São Paulo Jan/Mar. 2012.

ANDRADE, C.C.; HOLANDA, A.F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Vol. 27, n. 2, Campinas, 2010.

ARAÚJO, L.M.B.F; SOUSA, R.R. **O adoecimento psíquico de professores da rede pública estadual**: perspectiva dos docentes. In: Encontro da ANPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro. 2013. p. 01-09.

ASSIS, F.B. **Síndrome de burnout**: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2006.

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BICUDO, M.A.V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep, 2009.

_____, Ministério da Educação. **Edição especial: saúde do professor em questão**. Brasília, 2008.

_____. **Resolução nº 196**, de 10 de outubro de 1996.

_____. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012.

BUSCHINELLI, J. T.; ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. **Isto é trabalho de gente?: Vida, doença e trabalhador no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CAMPOS, W.C.R; ITO, A.M. Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores do Ensino Privado no Estado do Rio Grande do Sul. **Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisa de Saúde e dos Ambientes de Trabalho**. São Paulo, 2009.

CANTOS, G.A; SILVA, M.R; NUNES, S.R.L. Estresse e seu reflexo na saúde do professor. **Saúde em Revista**. Piracicaba, 7(15): 15-20, 2005.

CARLOTTO, M.S; CÂMARA, S.G. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. Vol. 11 N. 1 Jan./Jun 2007.

CARVALHO, F.A. **O mal-estar docente: das chamas devastadoras (burnout) às flamas da esperança-ação** (resiliência). Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Julho/2010. Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/comunica%C3%A7%C3%A3o/noticias/4461-salario-do-professor-no-brasil-e-o-3o-pior-do-mundo>>. Acesso em 03/05/2014.

CPERS, Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul. **Cuidado! A saúde da educação está em perigo**. Porto Alegre, 2012.

DANTAS, E.A.M; BORGES, L.O. Saúde Organizacional e Síndrome de Burnout em Escolas e Hospitais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Vol. 12 N. 1 Rio de Janeiro, 2012.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 1994.

DRYDEN, G; VOSS, J. **Conheça seu incrível cérebro**. In: Revolucionando o aprendizado. São Paulo: Makron Books, 1996.

ESTEVE, J.M. **O mal-estar docente – a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

FACCHINI, L. A. **Uma contribuição da epidemiologia: o modelo de determinação social aplicado à saúde do trabalhador**. In BUSCHINELLI, J. T.; ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalhador no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FOLLE, A; FARIAS, G. Nível de qualidade de vida e de atividade física de professores de escolas públicas estaduais da cidade de Palhoça (SC). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 11, n. 1, 2012.

FRANCISCO, E. **Formação e trabalho docente**: um estudo com professores de Ensino Médio. Dissertação. PUC São, Paulo, 2010.

GASPARINI, S.M; BARRETO, S.M; ASSUNÇÃO, A.A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, A.V.B.T.; SILA, M.C.F.; JÚNIOR, P.F.S.; BÉZIN, F.; NOGUEIRA, D.A.; JÚNIOR, W.C.R.; ESTEVES, A. Tratamento do estresse psicológico pela acupuntura avaliado pela eletromiografia do músculo trapézio. **Revista Dor**. Vol.13 n.3, Jul/set, São Paulo, 2012.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

HUBERMAN, M. **La vie des Enseignants**. Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel.php?codmun=43085#>>. Acesso em 11 jun.2013.

JACINTO, L.T; HOBOLD, M.S. Trabalho docente: desafios e perspectivas na relação professor-aluno no ensino médio. **Educação & Linguagem**. Vol. 15, n. 25, 2012.

JUNIOR, E.G; LIPP, M.E.N. Estresse entre professoras do Ensino Fundamental de Escolas Públicas Estaduais. **Psicologia em Estudo**. Vol. 13 N. 4 Out./Dez. 2008. Maringá.

LANDINI, S. R. **Professor, Trabalho e Saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador –professor**. São Carlos: Mimeo, 2006.

LUDKE, M; ANDRE, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: LTC, 1986.

MACHADO, A. M. Educação Inclusiva: de quem e de quais práticas estamos falando? In: BAPTISTA, C. **Inclusão e Escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

NOAL, I.K. **Manifestações do mal-estar docente na vida profissional de professoras do ensino fundamental: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2003.

NOGARO, I; SCHEFFER, N.F; NOGARO, A. Ser Professor: as Concepções dos Professores que Atuam nas Séries. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí Ano 22 n° 77 Jan./Jun. 2007.

PACHANE, G.G. Quem é seu melhor professor universitário e por quê? Características do bom professor universitário sob o olhar de licenciandos. **Educação**. Vol. 37, n. 2. Santa Maria, 2012, p. 307-319.

PINHEIRO, J.M. **Saúde Mental**: a presença de transtornos e/ou doenças mentais e suas relações no exercício da docência a partir de uma revisão integrativa incluindo professores do ensino fundamental, médio e superior. 2013. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Saúde Mental Coletiva) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2013.

ROSSA, E.G.O. **Relação entre o stress e o burnout em professores do ensino fundamental e médio**. Campinas: Papyrus, 2003.

SAIA, B. Cuidar da saúde vocal dos professores representa investimento na educação. **Imparcial**, Presidente Prudente, 16 jun. 2013. Editorial.

SCHEID, N.M; MEURER, C.F. Coletivo de professores pesquisadores: notas sobre uma experiência de formação continuada com uso de ambiente virtual. **Educação**. Vol. 36, n. 2. Santa Maria, 2011, p. 251-264.

SELEGHIM, M.R; MOMBELLI, M.A.; OLIVEIRA, M.L.F; WAIDMAN, M.A.P; MARCON, S.S. Sintomas de estresse em trabalhadoras de enfermagem de uma unidade de pronto socorro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Vol.33, n. 3, Porto Alegre, Set. 2012.

SERVILHA, E.A.M; LEAL, R.O.F; HIDAKA, M.T.U. Riscos ocupacionais na legislação trabalhista brasileira: destaque para aqueles relativos à saúde e à voz do professor. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. Vol.15 n.4, 2010.

SINPRORIO, Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. **Burnout em professores**: identificação, tratamento e prevenção. Rio de Janeiro, 2011.

SINPROSP, Sindicato dos Professores de São Paulo. **A voz do professor**: aspectos do sofrimento vocal profissional. São Paulo, 2006.

SIQUEIRA, M.J.T.; FERREIRA, E.S. Saúde das professoras das séries iniciais; o que o gênero tem a ver com isso? **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 3, p. 76-83, 2003.

SOUZA, N; LEITE, M.A.P.L. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da Educação Básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, num. Outubro-Diciembre, 2011 p. 1105-1121.

UNESCO, **Educação para Todos em 2015: Um objetivo acessível?** Editora Moderna, Brasília, 2006.

VALLE, L.E.R.; REIMÃO, R; MALVEZZI, S. Reflexões sobre Psicopedagogia, estresse e distúrbio do sono do professor. **Revista Psicopedagogia**. Vol. 28 N. 87 São Paulo, 2011.

VALLE, A.L.R; VALLE, L.E.L.R. **Reinvenção da Empresa**. São Paulo: Scortecci, 2010.

VEDOVATO, T.G; MONTEIRO, M.I. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, vol. 42, n 2. 2008, p. 291-297.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZARAGOZA, J.M.E. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **A INTERFERÊNCIA DAS DOENÇAS LABORAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar as doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio, é o quanto o trabalho no ensino exige preparo, dedicação e eficiência, o que demanda muita energia por parte dos profissionais e, conseqüentemente, contribuindo para o surgimento de diferentes doenças. O objetivo é investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será da seguinte forma: aplicação de um questionário a todos os professores do Ensino Médio com menos de cinco e mais de quinze anos de trabalho, bem como os gestores dessas escolas, que se dispuserem a participar voluntariamente; em seguida, será realizada uma entrevista com aqueles que responderem no questionário já terem apresentado atestado médico e que concordarem voluntariamente em participar.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta dos dados para esta pesquisa, como, por exemplo, você se constranger ao responder alguma questão. Risco esse que se justifica pelos benefícios que os resultados trarão para o seu trabalho como professor e/ou gestor.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Todos os momentos serão acompanhados pela pesquisadora a fim de assessorar os professores nas eventuais dúvidas que venham a surgir.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O trabalho de pesquisa será enviado para você, caso desejar. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus Frederico Westphalen e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. No caso de você sofrer algum dano decorrente dessa pesquisa, você deverá entrar em contato com a pesquisadora e solicitar a devida compensação.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu, _____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas

dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão, se assim o desejar. A pesquisadora mestranda Jaqueline Marafon Pinheiro, sob a orientação da professora Dra. Neusa Maria John Scheid, certificou-me de que todos os dados pessoais serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas, poderei chamar a mestranda responsável pela pesquisa no telefone (55) 9949 7375. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Estou ciente que os dados coletados para a pesquisa estarão de responsabilidade da mestranda Jaqueline Marafon Pinheiro por até 5 anos após a conclusão da dissertação.

Nome	Assinatura	do	Data
	Participante		
Nome	Assinatura	da	Data
	Pesquisadora		
Nome	Assinatura	da	Data
	Testemunha		

Endereço: Rua Universidade das Missões 464
CEP: 98802-470
Telefone: 55 3313 7902
Município: Santo Ângelo
UF: RS
Fax: (553) 313 - 7902
E-mail: jaqueline@uri.edu.br
Fone: 55 9949 7375

APÊNDICE B – Questionário com os professores com menos de 5 anos ou com mais de 15 anos de trabalho com alunos do Ensino Médio e Gestores

Você está convidado(a) a responder um questionário da pesquisa “**A interferência das doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio**”, o qual, pretende investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento, sob responsabilidade da pesquisadora Jaqueline Marafon Pinheiro. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Questionário com os professores com menos de 5 anos e mais de 15 anos de trabalho com alunos do Ensino Médio e Gestores

- 1) Você atua:
 - a) Somente no Ensino Médio
 - b) Ensino Fundamental e Médio
 - c) Ensino Médio e Superior
 - d) Outros _____
- 2) Há quanto tempo você trabalha como profissional da Educação? _____
- 3) Você atua com Ensino Médio? Se sim, Há quanto tempo?
 - a) Menos de 5 anos
 - b) Mais de 15 anos
- 4) Qual seu gênero?
 - a) Feminino
 - b) Masculino
- 5) Qual sua idade – em anos? _____
- 6) Qual seu estado civil?
 - a) Solteiro (a)
 - b) Casado/relacionamento estável
 - c) Divorciado (a)
 - d) Viúvo (a)

- 7) Em média, qual o seu salário?
- a) Menos de R\$ 1.567,00 (piso nacional)
 - b) Entre R\$ 1.567,00 e R\$ 3.134,00
 - c) Entre R\$ 3.134,00 e R\$ 4.701,00
 - d) Acima de R\$ 4.701,00
- 8) Em relação ao trabalho que você realiza, você considera que o seu salário:
- a) Não atende às suas necessidades básicas (alimentação, saúde, bem-estar, lazer, acesso a bens culturais...)
 - b) Baixo mas compatível com o que você faz
 - c) Justo e adequado ao trabalho que desenvolve e atende às suas necessidades básicas
 - d) Acima do que merece e/ou precisa
- 9) Qual a sua escolaridade?
- a) Graduação
 - b) Especialização
 - c) Mestrado
 - d) Doutorado
- 10) Qual sua jornada de trabalho na escola (trabalhando com Ensino Médio)?
- a) 20 horas semanais
 - b) 40 horas semanais
 - c) Outro. Especificar: _____
- 11) Você trabalha em quantas instituições de ensino (independente do nível)?
- _____
- 12) Como você considera que é o relacionamento entre você e seus colegas?
- a) Regular
 - b) Bom
 - c) Muito bom
 - d) Ótimo
- 13) Como você considera, de modo geral, que é o relacionamento entre você e seus alunos?
- a) Regular
 - b) Bom
 - c) Muito bom
 - d) Ótimo

- 14) Em termos de realização profissional com o trabalho que executa como você se sente?
- a) Muito realizado
 - b) Realizado
 - c) Pouco realizado
 - d) Não realizado
 - e) Não sabe/não quer responder
- 15) Você considera que o trabalho que desenvolve pode causar algum tipo de doença?
- a) Não
 - b) Sim – Qual(is)? _____
- 16) Você já precisou se afastar de suas funções laborais por motivo relacionado à sua saúde?
- a) Não
 - b) Sim – Qual(is)? _____
- 17) Necessitou apresentar atestado médico?
- a) Não
 - b) Sim – Aceitaria participar de uma entrevista sobre o assunto?
 - c) Sim
 - d) Não

APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada com os professores com menos de 5 anos e mais de 15 anos de trabalho com alunos do Ensino Médio e gestores que apresentaram atestado médico

Você está convidado(a) a responder um questionário da pesquisa “**A interferência das doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio**”, o qual, pretende investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento, sob responsabilidade da pesquisadora Jaqueline Marafon Pinheiro. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Entrevista semiestruturada com os professores com menos de 5 anos e mais de 15 anos de trabalho com alunos do Ensino Médio que apresentaram atestado médico

- 1) Apresentou atestado médico enquanto gestor, professor ou ambos?
- 2) Qual doença foi o motivo do atestado médico?
- 3) O que você considera que lhe levou a adoecer?
- 4) Quanto tempo você precisou ficar afastado das atividades laborais?
- 5) Você considera que a sua doença atrapalha/atrapalhou a sua prática docente?
- 6) O que você considera importante para diminuir as causas de adoecimentos dos professores?
- 7) O que você considera importante fazer, ou não fazer, para cuidar/melhorar a sua saúde?
- 8) O que você faz para cuidar/melhorar a sua saúde?

APÊNDICE D – Termo de coparticipação

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO, ÁREA
DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO**

TERMO DE COPARTICIPAÇÃO

Declaro ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Frederico Westphalen, _____ de _____ de 20__

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Endereço: Rua Universidade das Missões 464
CEP: 98802-470
Telefone: 55 3313 7902
Município: Santo Ângelo
UF: RS
Fax: (553) 313 - 7902
E-mail: jaqueline@uri.edu.br
Fone: 55 9949 7375

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE REGIONAL
INTEGRADA DO ALTO DO
URUGUAI E DAS MISSÕES -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da pesquisa: A INTERFERÊNCIA DAS DOENÇAS
LABORAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA SOB A ÓTICA
DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Pesquisador: Jaqueline Marafon Pinheiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 24347713.6.00005354

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO REGIONAL INTEGRADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do parecer: 488.630

Data da Relatoria: 11/12/2013

Apresentação do Projeto:

A vida estressante, a agitação, os prazos, as metas, a complexidade que envolve o cotidiano dos professores acaba, por algumas vezes, não permitindo que consigam dispor de um tempo para cuidar de suas atividades pessoais e de sua saúde. Esses indivíduos constantemente estão preocupados com o aprendizado dos alunos, com a elaboração das aulas, com a correção dos trabalhos e provas, o que pode provocar certo abandono no que diz respeito à sua qualidade de vida, podendo prejudicar sua saúde. O objetivo geral deste trabalho é investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento. E os objetivos específicos são conceituar saúde e doença na atividade docente; identificar em que consiste e quais são as doenças laborais na atividade docente; identificar quais as consequências das doenças laborais na prática docente; investigar quais as razões, atribuídas pelos docentes investigados, que os

levam a adoecer; propor possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes. O enfoque será qualitativo e a abordagem filosófica a fenomenológica. Quanto aos fins, ela será descritiva e quanto aos meios, bibliográfica e de campo. Os sujeitos serão professores do Ensino Médio com menos de cinco e mais de quinze anos de experiência, bem como os gestores das escolas públicas estaduais do Município de Frederico Westphalen-RS. Os instrumentos para coleta de dados serão o questionário com perguntas abertas e fechadas e entrevista individual semi-estruturada. Para analisar os dados, será utilizada a análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Investigar as doenças laborais mais frequentemente encontradas entre os professores do Ensino Médio e as razões que esses profissionais atribuem para o adoecimento.

Objetivos específicos: Conceituar saúde e doença na atividade docente; Identificar em que consiste e quais são as doenças laborais na atividade docente; Identificar quais as consequências das doenças laborais na prática docente; Investigar quais as razões, atribuídas pelos docentes investigados, que os levam a adoecer; Propor possíveis estratégias para prevenção das doenças laborais nos docentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta dos dados para esta pesquisa, como, por exemplo, você se constranger ao responder alguma questão. Risco esse que se justifica pelos benefícios que os resultados trarão para o seu trabalho como professor e/ou gestor.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante, na medida em que com a realização da mesma pode se descobrir como se encontra o estado de saúde do professor. Além disso, é possível evidenciar o quanto o trabalho no ensino exige preparo, dedicação e eficiência, o que demanda muita energia por parte dos profissionais e, conseqüentemente, contribuindo para o surgimento de diferentes doenças.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os TCLE e a Declaração de Instituição coparticipante, e estão de acordo com a Resolução 466/12.

Recomendações:

Apesar de ter acrescentado os riscos e benefícios no TCLE, ainda declara no projeto básico da plataforma Brasil que "A pesquisa não oferece riscos para os sujeitos". Neste sentido, O TCLE e o Projeto básico devem apontar as mesmas informações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se que as informações devem ser as mesmas no projeto, no TCLE e na plataforma.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acata o parecer.

11 de Dezembro de 2013

Assinado por:
Lizete Dieguez Piber
(Coordenador)